

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Maria Milza de Farias Soares

Aspectos da Ciência na Literatura: a pólvora e o salitre em
***Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz**

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

SÃO PAULO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Maria Milza de Farias Soares

**Aspectos da Ciência na Literatura: a pólvora e o salitre
em *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz**

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em História da Ciência sob a orientação do Prof. Dr. Fumikazu Saito.

SÃO PAULO

2010

BANCA EXAMINADORA

Ao meu querido filho Renan.

Agradecimentos

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fumikazu Saito por ter-me auxiliado a traçar as diretrizes deste estudo.

A todos os professores e professoras do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência da PUC-SP que contribuíram com a minha formação, especialmente à Prof^a Dr^a Márcia Helena Mendes Ferraz pelas palavras de incentivo.

À Banca Examinadora.

Um agradecimento especial à Prof^a Dr^a Ana Maria Haddad Baptista.

Ao meu filho Renan e à minha norinha Gabi pela colaboração, carinho e companheirismo, bem como minhas sobrinhas Isabella, Kamila e Mariana.

Às minhas irmãs, em especial à Verônica por viabilizar o empréstimo de livros para pesquisa.

Às minhas queridas amigas Edna, Fran, Daniela, Iara e aos amigos Jorge e Osvaldo.

Aos colegas do Curso de História da Ciência, especialmente à Jussarinha, Wladimir e ao Reno pela colaboração.

Ao Fábio e à Secretária Verônica.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente compartilharam comigo os momentos desse trabalho.

À Secretaria de Estado da Educação de São Paulo pelo apoio financeiro e ao Fábio da Diretoria de Ensino Norte I.

E, sobretudo, a Deus, meu Criador e Mantenedor, por conceder-me inteligência e sabedoria para que eu pudesse vencer os empecilhos encontrados ao longo dessa trajetória.

Resumo

Este estudo discute os aspectos da Ciência na Literatura, através do romance *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz. Neste estudo de caso, aponta-se a pólvora, um material valioso utilizado no século XIX, e seus componentes, mencionados pela autora em sua obra, sobretudo o salitre, bem como a forma de transportá-lo evitando o desperdício. Sabe-se que o Ceará, cenário onde ocorre a narrativa, era também o local onde se dava a produção da pólvora, havendo minas para extração do salitre e laboratórios para sua refinação. Rachel de Queiroz, em *Memorial de Maria Moura*, retrocede ao século XIX, escrevendo o romance com base na técnica e no contexto histórico do período.

Palavras chave

História da Ciência, Literatura, Rachel de Queiroz, pólvora, salitre, Ceará.

Abstract

This work discusses the aspects of Science in the Literatura, through the novel *Memorial de Maria Moura*, by Rachel de Queiroz. In this case study, the use of the gunpowder (a valuable material used in the 19th century) and its components is highlighted. Among its components mentioned by the author on her work, she emphasizes the saltpeter as well as the way to transport it avoiding its waste. It is known that Ceara, the setting where the narrative takes place, was also the place where the gunpowder was produced. In Ceara, there were mines for the extraction of the saltpeter and laboratories for refining it. Rachel de Queiroz visits the 19th century, writing the novel based on the technique and in the historical context of the period.

Keywords

History of Science, Literature, Rachel de Queiroz, gunpowder, saltpeter, Ceara.

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo I:	
Rachel de Queiroz e suas influências literárias.....	11
Capítulo II:	
Aspectos de ciência: o salitre e a pólvora em <i>Memorial de Maria Moura</i>	31
Considerações finais.....	52
Bibliografia.....	55
Apêndice.....	61

INTRODUÇÃO

Há muitos encontros entre a Ciência e a Literatura na medida em que procuram uma interpretação do mundo, do homem e da natureza e suas transformações. A aproximação entre estas áreas do conhecimento nos proporciona múltiplos segmentos para melhor entendermos o texto literário.

Sob esta perspectiva, esta pesquisa visa investigar alguns aspectos da Ciência na Literatura tendo por estudo de caso o romance *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, no qual a autora retrocede ao século XIX e menciona a pólvora e seus componentes, dando ênfase ao salitre, este componente valioso encontrado no solo da então Província do Ceará.

Queiroz utiliza-se nesta obra, de um discurso polifônico apresentado pelos vários narradores. Em todo o romance a autora menciona o uso das armas e munições, pólvora, fábrica de pólvora e minas de salitre.

No contexto da História da Ciência, um estudo sobre os aspectos da ciência na literatura possibilita uma visão rica e um olhar crítico no que tange à influência dos fatos científicos na estética literária. Nesse sentido, a abordagem acerca da pólvora e do salitre elucida o contexto histórico que a autora se refere no seu romance.

Para tanto, faz-se necessária a investigação tanto em fontes ligadas à ciência quanto à literatura. Inúmeros escritores e pesquisadores abordam o assunto pólvora, dentre eles, Márcia H. M. Ferraz e seus estudos acerca deste produto, bem como sua produção, destacando um dos componentes muito requisitados no século XIX, o salitre; e as obras de Rachel de Queiroz, em especial o romance *Memorial de Maria Moura*, que revela reminiscências e retrocede ao século XIX, manifestando uma abordagem deste período para expor dentre outros assuntos, a pólvora e o salitre.

Rachel de Queiroz pertence a uma geração do século XX, revelando-nos um vasto capital de cultura, pelo seu envolvimento desde criança com a leitura e a busca do conhecimento. Afirmando não acreditar em coisas prontas, a autora diz: “Se você não mantém a dúvida sobre as coisas, se você não se abre, você se congela no dogmatismo”¹.

Nesse quadro, chama-nos a atenção o que ocorreu no Ceará, no início do século XIX, envolvendo a produção de salitre e as dificuldades para se obter o produto e transportá-lo.

Assim, no capítulo I apresentam-se uma breve biografia de Rachel de Queiroz, os gêneros literários aos quais ela se dedicou, bem como suas influências literárias. Em apêndice encontra-se um resumo da obra *Memorial de Maria Moura*, objeto de nosso estudo.

No capítulo II, abordam-se os aspectos da ciência encontrados no romance *Memorial de Maria Moura*. A reflexão neste capítulo recai sobre a pólvora, o salitre, e o modo de transportá-lo no século XIX através de bruacas de couro. Por ser um assunto muito retratado na obra literária, a pesquisa acerca destes temas, sob a ótica da História da Ciência vem corroborar com o que a escritora menciona em sua obra e, desta forma, contribuir para uma melhor compreensão do texto literário.

Nesse sentido, as produções literárias de Rachel de Queiroz apresentam-se como um reflexo de sua vivência e, investigando o contexto histórico do qual a obra literária se refere, especialmente no seu romance, *Memorial de Maria Moura*, e agregando-o ao estudo da História da Ciência, pode-se perceber a convergência entre a Ciência e a Literatura.

¹ Nery, *Presença de Rachel*, p. 159.

Capítulo I

RACHEL DE QUEIROZ E SUAS INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS

1. A AUTORA E SUAS PRODUÇÕES

1.1 Rachel de Queiroz

“Eu não acredito em receituário, em sistemas definitivos. Desde Platão, as investigações filosóficas e os debates em torno de Deus e do universo, do ser humano, da natureza e da sociedade não cessaram.”

Rachel de Queiroz, *Presença de Rachel*.

Rachel de Queiroz (1910-2003) foi professora, jornalista, romancista, cronista e teatróloga. A primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira número cinco e foi eleita em 04 de agosto de 1977.² Por meio de suas obras a autora revela-nos uma grande preocupação com as questões sociais, deixando suas marcas na Literatura.

Embora tenha nascido numa região considerada pobre, no Nordeste do Brasil, Queiroz não nascera em condições de pobreza. Seu pai foi Juiz de Direito em Quixadá e tornou-se Promotor em Fortaleza. Ela teve uma infância tranquila e conviveu com muitos escritores, tais como Graciliano Ramos (1892-1953), Jorge de Lima (1893-1953), José Lins do Rego (1901-1957), dentre outros. Entretanto, não podemos deixar de lado, o autor de "*O Guarani*", José de Alencar (1829-1877), primo de sua bisavó materna, que, antes de mandar os folhetins para a publicação, lia-os para um grupo de pessoas, sendo Queiroz uma das eleitas para constituir o círculo de ouvintes. E diz a romancista: “Todos os escritores e poetas frequentavam nossa casa, era um ambiente de gente que discutia e trocava livros, de forma que escrever, para mim, era uma

² R. de Queiroz, *Cenas brasileiras*.

facilidade inata”³. Desta forma, desde cedo se familiarizou com o universo das letras.

Ainda que levasse uma vida com muito dinamismo e muitas produções literárias, a autora revela ser muito solitária e nunca ter participado de grupos de massa a não ser o Partido Comunista, de onde foi expulsa, e o único grupo social a que pertenceu foi a Academia Brasileira de Letras, por ter sido indicada por outrem. Afirma que a autonomia e a liberdade de consciência são fundamentais na vida do ser humano. Ela sempre estivera envolvida em questões políticas e sociais e também na busca da igualdade de direitos da mulher. Contudo, diz: “Eu realmente sou um bicho solitário”⁴.

Em 1961 Queiroz recusou o convite para ocupar o Ministério da Educação. Entretanto, a convite do então Presidente Castelo Branco, em 1966, é nomeada Delegada do Brasil na ONU (Organização das Nações Unidas), junto à Comissão de Direitos do Homem, e de 1967 a 1985, torna-se membro do Conselho Federal de Cultura.

Sobre o seu envolvimento político revela: “Bem, durante o comício fui presa, levada para a sede da polícia, durante a revolução de 1932, em São Paulo”⁵.

Rachel de Queiroz, como já é do nosso conhecimento, movida pelo envolvimento em questões políticas, chegou a ser presa na luta contra a ditadura do Estado Novo, a favor da liberdade e dos direitos humanos. “Fiquei presa no Quartel de Bombeiros, de outubro de 37 a janeiro de 38. Ele

³ Nery, p. 65.

⁴ Ibid., 88.

⁵ R. de Queiroz, & M. L. de Queiroz, *Tantos Anos*, p. 49.

conseguiu silenciar quase toda a imprensa”⁶. Fundou o PCB (Partido Comunista Brasileiro) no Ceará, que segundo ela, pertenceu ao Partido durante 24 horas. Numa entrevista concedida à *Folha de São Paulo*, em 1998, conta:

Pertenci ao Partido Comunista durante 24 horas. Era simpatizante, fui admitida, mas no dia seguinte tive uma grande briga e abandonei o partido. Ideologicamente continuo trotskista, o camarada Trotski ainda é uma personalidade muito importante para mim. Era um grande escritor.⁷

O ano de 1993 foi um ano de premiações na vida de Queiroz, recebendo dos governos do Brasil e de Portugal, o Prêmio Camões, e da União Brasileira de Escritores, o Prêmio Juca Pato. Neste mesmo ano, a Editora Siciliano inicia o relançamento de sua obra completa.

1.2 - Queiroz e seus gêneros literários

Conforme Massaud Moisés, Queiroz inicia-se como escritora ainda na adolescência.⁸ Em sua trajetória dedicou-se aos vários gêneros literários: o romance, a crônica, o teatro, o jornalismo e também as traduções.

1.2.1 Romance

Em 1930 a escritora estréia no gênero romance com a obra *O Quinze*, apresentando e expondo a dramática luta de um povo contra a miséria e a seca. Conforme Moisés Neto, este “é romance escrito por uma jovem mal saído

⁶ Nery, p. 104.

⁷ Menezes, *Folha de São Paulo*, caderno *Folha Ilustrada*, “Leia entrevista de Rachel de Queiroz,” 04 de novembro de 2003.

⁸ Moisés, *A literatura Brasileira através dos textos*, p. 444.

da adolescência”⁹. Pode-se considerar como uma produção literária do tempo de juventude de Rachel de Queiroz, projetando-a para a vida literária do país.¹⁰

Segundo ainda Massaud Moisés:

O Quinze movimenta-se em dois planos, intercomunicantes: o da seca e sua miséria total, exemplificada na decadência de Chico Bento e a família, e o do namoro malogrado entre Conceição e Vicente (...). No exame dos dois planos observa-se uma calamidade meteorológica, com suas seqüelas morais, que no idílio embrionário, pretendia a romancista sugerir a significação coletiva do primeiro e a irrelevância particular do segundo. Tal disparidade identifica *O Quinze* como romance social, em que se denuncia uma fatalidade geopolítica, segundo um pensamento diamático que, contudo, não chega a exteriorizar-se.¹¹

Para esquecer os horrores da terrível seca de 1915, quando sua família tivera um grande prejuízo nas fazendas com a perda do gado, os Queiroz resolveram ir para o Rio de Janeiro. Mais tarde a romancista transformaria a seca do Ceará em tema para escrever *O Quinze*.

Ao escrever *O Quinze* a autora afirma que se utilizava dos dados da tradição oral, das histórias que ouvia desde pequena, tornando-se possível imaginar as situações e criar as cenas por ela descritas. Segundo ela, queria mostrar, por meio da obra, o lado sombrio da vida, por outro lado, não desejaria escrever um romance que apresentasse os exageros do realismo típico do século XIX, como esclarece a autora:

⁹ Neto, Rachel de Queiróz.

¹⁰ R. de Queiroz, *As três Marias: romance*, p. v.

¹¹ Moisés, p. 444-5.

Quando escrevi O Quinze, quis apresentar uma seca sem aquele excesso de urubus e cadáveres expostos ao sol, as mulheres sendo violadas por hordas de retirantes, urubus comendo as tripas de nenéns ou porcos devorando recém-nascidos, em suma, não quis carregar demais nas tintas (...) Queria um realismo mais subjetivo que procurasse captar o lado humano dos que viviam aquele drama. A minha tendência literária sempre foi fugir dos exageros, dos adjetivos.¹²

A dor dos retirantes, o desespero e a angústia das personagens denotam o drama humano vivido por aquelas pessoas sem perspectivas. Primeiro Rachel de Queiroz parece visualizar a cena, em seguida, a cria, considerando que sua invenção literária é feita mais pelas personagens e pelo cenário. Desta forma, a história vai surgindo.¹³

Conforme mencionamos, Rachel de Queiroz mudara-se para o Rio de Janeiro com sua família, em virtude da grande seca que assolara o Ceará. Além disso, como apontamos, suas produções literárias iniciam-se no Rio de Janeiro. Assim, foi em suas andanças entre o Rio de Janeiro e o Ceará, que renderam suas produções literárias. Ou seja, entre o sertão nordestino, sempre mencionado com representações sobre o cangaço, a seca, o fanatismo religioso, dentre outros, e o Rio de Janeiro, com a pequena burguesia.

Reaparece a escritora, em 1932, com o segundo romance, *João Miguel*, porém, quando estava pronto para editar foi impedida de fazê-lo porque O Partido Comunista não o aprovou, alegando que o romance depunha contra a classe operária, uma vez que havia um personagem representando um

¹² Nery, p. 68-9.

¹³ Nery, p. 69.

operário que se tornara assassino. A autora rompe, então, com o Partido e publica sua obra no Rio de Janeiro.¹⁴

Caminho de Pedras foi escrito em 1937, depois de um intervalo de cinco anos em suas produções romanescas. Queiroz afirma que uma das maiores dificuldades encontradas por ela era dar nome aos livros. Entretanto, o título *Caminho de Pedras*, talvez tenha sido criado em decorrência da sua visão realista da vida e as dificuldades enfrentadas pela autora. Neste romance, a morte de uma criança apresentada pela autora representa a dor da perda de sua filha, pois, segundo ela, houve uma cena idêntica àquela que vivera com o falecimento da sua “menininha”. Nas palavras da autora: “É claro que você tem um referencial seu, a partir da sua experiência pessoal de vida”¹⁵, porém, não deve ficar condicionado apenas à sua vivência. Deve-se utilizar o que se presencia ao longo da vida.¹⁶

Queiroz escreveu também *As Três Marias* (1939), com o qual recebeu o Prêmio da Sociedade Felipe d’Oliveira. Para a autora, a literatura é mais autêntica quando se fala daquilo que vivencia. A forma como se traduz a sua vivência pode dar o tom e a consistência de sua literatura. Assim, relata a escritora:

As Três Marias é o meu livro mais auto-biográfico. Elas realmente existiram. A Guta sou eu, a Maria da Glória morreu há 3 anos e a Maria José estava com o Presidente Castelo Branco, quando sofreram aquele desastre aéreo fatal. A Maria da Glória, por exemplo, era órfã. Tudo aquilo é rigorosamente biográfico. Há muito de minha vida de

¹⁴ Pacheco, *Personagens em construção no Memorial de Maria Moura*.

¹⁵ Nery, p. 106.

¹⁶ Ibid.

jovem, a minha primeira vinda ao Rio, a paixão por aquele homem... Tudo aquilo foi um retrato fidedigno daquele tempo.¹⁷

Embora demonstre em suas entrevistas que não gosta de escrever sobre sua vida – como diz ao entrevistador Hermes R. Nery: “Já você está de novo querendo fazer a minha biografia”¹⁸ – Queiroz revela no romance *As Três Marias*, aspectos de sua vida pessoal, descrito na citação acima, a qual mostra que a personagem Guta está representando a própria autora. Portanto, seria uma autobiografia.

Em 1950 Queiroz escreveu o romance *O galo de ouro*, sendo divulgado em folhetins pela revista *O Cruzeiro*. *Dora Doralina* é também um romance escrito por Rachel de Queiroz e foi publicado em 1975. Por último, no gênero romance, escreveu *Memorial de Maria Moura*, em 1992.

Sua contribuição literária também se estendeu à literatura infantil escrevendo, em 1969, *O Menino Mágico* e retorna com este gênero em 1986, com *Cafute & Perna-de-Pau*.

Quando instigada a escrever sua biografia afirma não gostar da ideia. Não obstante, com sua irmã Maria Luiza de Queiroz, por sugestão de seu amigo Ziraldo¹⁹, produz *Tantos Anos*, publicado em 1998, no qual o diálogo revela muitos acontecimentos em sua vida, e *Não me deixes*, em 2000, sendo este de mesmo nome da fazenda no Ceará, descrevendo detalhes da fazenda que marcaram suas lembranças.

¹⁷ Ibid., p. 108.

¹⁸ Ibid., p. 36.

¹⁹ R. de Queiroz, & M. L. de Queiroz, *Tantos Anos*, p. 9.

Segundo sua irmã, que a conheceu tão bem, se sentiria culpada se não colaborasse com esse feito, resolvendo, então, estimulá-la a escrever *Tantos Anos*, e conta:

Este livro, portanto, é um trabalho composto de trechos ditados ou escritos por ela (ou, às vezes, de reproduções de conversas nossas, aqui no Rio de Janeiro ou na fazenda Não Me Deixes, no Ceará) e de várias intervenções minhas: recordações de ocasiões, fatos e sentimentos a que ele não aludiu, passados no tempo em que estava ausente, ou até coisas meio secretas (ou esquecidas?) de que ela não falaria.²⁰

Sentimentos, angústias, esperanças, alvoroços de coração, saudades, perdas, promessas e alegrias aparecem não só em suas crônicas, mas também em seus romances, como já apontamos. Entretanto, há sempre a figura da personagem a mascarar a face da autora. Assim, observa Rachel de Queiroz, “minhas personagens atravessam tempestades e precisam se refazer”²¹.

Sobre suas estratégias de escrita, diz Queiroz:

Quando começo a escrever um romance, por exemplo, tenho embriões de ideias, esboço personagens, tenho mais ou menos aquilo que desejo contar, mas é na própria execução do trabalho, em cada linha, que as personagens vão se impondo, os temas vão se delineando, a história vai tomando corpo e quando você vê, está lá, como um filho que você gestou, levou meses para ir tomando forma e, de repente, está lá, com a carinha dele.²²

Numa entrevista ao escritor Nery, revela Queiroz:

²⁰ Ibid., p. 10.

²¹ Nery, p. 22.

²² Ibid., p. 27.

Eu só sei que enquanto houver um ser humano vivo neste planeta, que pensa e sinta as coisas, a arte irá existir com ele. As formas de manifestação artística podem variar, mas o homem sempre encontrará um meio de expressar suas angústias, apreensões, aspirações estéticas, etc.²³

A escritora sugere que a partir da leitura dos seus romances e suas crônicas, o leitor terá mais referências sobre sua vida, em seus múltiplos aspectos, uma vez que ela revela suas experiências e tudo isso será melhor observado, sobretudo, porque por meio da ficção acoplada à imaginação, o leitor percorrerá as imagens vividas por ela, evitando a redundância. Ademais há coisas em sua vida que só pertencem a ela e, portanto, não gostaria de escrever um livro de memórias.²⁴

Paralelamente à escrita de romances dedicou-se ao jornalismo. Ainda que Queiroz sustente em suas entrevistas que não goste de escrever, observa-se que possui uma vasta produção literária.

1.2.2 Crônica

Como cronista, a autora diz ser uma contumaz usuária do gênero, revelando grande senso de observação para extrair dos fatos cotidianos, em especial dos acontecimentos políticos, elementos para analisar e registrar através de seus textos, uma vez que sempre se interessou apaixonadamente por tudo que acontece nessa área, seja em sua província, município, país ou no mundo. Desta forma, por mais inusitados que sejam os acontecimentos e as

²³ Ibid., p. 25.

²⁴ Ibid., p. 31.

personagens, observa-se que tudo isso está ancorado em sua vivência e muitas vezes, em fatos históricos.

Após uma longa colaboração jornalística surge seu primeiro livro de crônicas, *A Donzela e a Moura Torta*, em 1948, no qual reúne um conjunto de crônicas publicadas pela imprensa carioca, que mostram suas admiráveis qualidades de estilo com graça e vivacidade acoplado ao sentido lírico e humano em suas expressões, como se observa no trecho a seguir, extraído da crônica *O Catalão*:

O Catalão ergueu-se, foi a uma prateleira num recanto da fábrica, onde guardava o chapéu e o paletó. Trouxe de lá um livro de capa vermelha que ainda conservo, em minha casa. Era um guia de turismo, *La Ciudad de Baecelona*, cheio de fotografias e lindos nomes de ruas. Aquele era seu livro de estimação, eu sabia.²⁵

Em 1958 publica *100 Crônicas Escolhidas*, uma coletânea considerada as melhores páginas no gênero, seguidos de outros dois livros do mesmo gênero. Segundo a escritora, a crônica poderá ser o gênero literário mais confessional do mundo, e prossegue dizendo: “Quando vêm me importunar com a exigência (que eu detesto) de escrever minhas memórias, a resposta que dou é sempre a mesma: quem quiser me saber a biografia, leia as minhas crônicas”²⁶.

1.2.3 Teatro

²⁵ R. de Queiroz, *A donzela e a Moura Torta*, p. 45.

²⁶ R. de Queiroz, *Cenas brasileiras*, p. 3.

Surge Queiroz em 1953 com outro gênero, o teatro. Com base na vida do lendário cangaceiro do Nordeste escreve o primeiro drama, *Lampião*, com o qual recebe o prêmio Saci de *O Estado de São Paulo*, por ser considerada autora da melhor peça do ano. Continua sua trajetória dedicando-se a escrever crônicas e peças teatrais. Escreveu também a peça *A Beata Maria do Egito* (1956-57).

1.2.4 Jornalismo

Além de suas inegáveis contribuições literárias, detenhamo-nos na biografia de Rachel de Queiroz, para abordarmos o jornalismo que iniciara ainda jovem, gênero que ela se dedicou paralelamente aos demais. Por volta de 1925-26 a escritora conclui o curso *Normal* e atua como professora em Quixadá. Nesse ínterim, o Jornal *O Ceará* mantinha um suplemento literário no qual promoveu a eleição da primeira Rainha dos Estudantes do Ceará. Queiroz, por sua vez, com o pseudônimo Rita de Queluz escreve uma carta aberta ironizando a vencedora do concurso. Segundo ela: “(...) escrevi uma carta aberta para ela, fazendo brincadeiras, rainha em tempo de república!”²⁷.

O Jornal publicou a carta e inicia-se, a convite do diretor de *O Ceará*, a sua colaboração com o jornal tornando-se redatora efetiva e também publicando suas crônicas. Quando escreveu o romance *O Quinze* já era jornalista profissional. Ao longo da sua vida colaborou em revistas e em diversos jornais: *O Povo*, *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Diário da Tarde*, *O Cruzeiro*, *Diário de Notícias*, *Última Hora*, *Jornal do Comércio* e *O Estado de*

²⁷ R. de Queiroz, & M. L. de Queiroz, *Tantos Anos*, pp. 25-6

São Paulo. Queiroz afirma ser mais jornalista do que escritora.²⁸ Portanto, inicia sua colaboração no gênero jornalístico aos dezesseis anos prosseguindo até o ano de seu falecimento, em 2003.

1.2.5 Tradução

A autora, além de se dedicar ao romance, à crônica, ao jornalismo e ao teatro, pelo qual sempre teve fascinação, (quando era adolescente desejava ser atriz, como expressa em suas crônicas), exerceu também a função de tradutora e afirmava que seu autor preferido era Dostoievski. Para ela, este era “pé no chão”, menos cheio de ilusão acerca da natureza humana, um escritor excepcional que soube mergulhar fundo na alma humana, compreender e falar sobre as angústias da vida. E diz: “Você já pensou o mundo sem Dostoievski?”²⁹

Traduzia Trotski e dizia ser ele um intelectual refinado, de grande visão política que acreditava na possível melhora do gênero humano, caso se oferecesse melhores condições de vida a todos. Considera este, um homem despojado que até cedeu os direitos autorais para a publicação de sua obra. Nas palavras da autora, para Trotski, o que contava era a difusão de ideias.³⁰ Sobre a tradução afirma também:

É necessário possuir expressão literária na língua para a qual você traduz. E veja: é menos importante você saber muito bem a língua do autor que você traduz, porque se não souber apreender o espírito, a poesia, o ritmo, a musicalidade, o sentido exato do texto, aquilo que a

²⁸ Britto, *Decifrando O Brasil*, pp. 78-9.

²⁹ Nery, p. 156.

³⁰ *Ibid.*, p. 141.

outra pessoa desejou exprimir naquela frase ou naquele verso, então, sua tradução fica a desejar. Somente a técnica não resolve.³¹

Por dedicar grande parte de seu tempo com as traduções, acredita-se que Dostoievski e Tolstoi tenham influenciado a autora no aprimoramento de suas técnicas para criar personagens tão intensas na sua humanidade e com circunstâncias tão envolventes na vida.

2. O MEMORIAL DE MARIA MOURA

2.1 O Memorial

Como vimos, Rachel de Queiroz tem uma vasta produção literária. Todavia, escolhemos para desenvolver esta pesquisa o romance *Memorial de Maria Moura*, do qual apresentaremos, em apêndice, um breve resumo para prosseguirmos, no Capítulo II, com alguns aspectos da ciência nesta ficção.

Publicada em 1992, *Memorial de Maria Moura* é uma produção que pode ser considerada da maturidade da autora, visto que a obra foi publicada aos oitenta e dois anos de idade de Queiroz. Trata-se de uma narrativa de reminiscências, na qual a autora retrocede ao século XIX, apresentando uma imagem do sertão marcado pela violência e pela morte e, ao mesmo tempo, de esperança e solidariedade, que aparecem nas vozes dos narradores/personagens.

É notório que em nossa literatura Rachel de Queiroz ocupa um lugar de grande importância. Sua obra apresenta linguagem simples e acessível. No

³¹ Ibid., p. 156.

que se refere à temática, busca equacionamento social e defende a emancipação da mulher na sociedade brasileira.

O que é possível notar nesta narrativa é que, por trás destes personagens, esconde-se o pulso vigoroso de uma mulher cearense. Segundo Moisés Neto, as múltiplas vozes podem ser entendidas como títeres representando a força reivindicativa da autora.³² Sobretudo porque Rachel de Queiroz confessa que uma personagem pode ter algumas características do seu modo de pensar, sentir, agir e também:

Há situações em que as personagens são resultado de uma mescla de modelos que a gente vai tomando aqui e ali, no decurso das coisas vistas e vividas. (...) Uma personagem tem muito também daquilo que a gente vê nos outros. Ela acaba sendo uma soma de suas componentes e de pessoas que você conheceu no dia-a-dia. Uma personagem é sempre uma soma de influências.³³

Em *Memorial de Maria Moura*, é notória a presença da agudeza da observação psicológica e da perspectiva social. Essas duas dimensões parecem caracterizar a criação de Queiroz, seja na crônica, seja no romance. De fato, no *Memorial de Maria Moura*, Rachel de Queiroz exprime os anseios e angústias do povo que vive no nordeste brasileiro.

2.2 Por que *Memorial de Maria Moura*?

O romance reúne diferentes memórias. E apesar de possuir mais de um foco narrativo, ele faz com que o leitor deduza que se trata de feitos memoráveis da vida da personagem dramática que vai à luta, mostrando, por

³² Neto, "Estudos Literários - Rachel de Queiroz".

³³ Nery, p. 69.

uma versão feminina, o típico cangaceiro bravo e violento. Contudo, as histórias se prolongam e se apresentam em diferentes dramas individuais. Exemplo disso, a história de Marialva, a moça apaixonada que deixa a vida confortável para percorrer o sertão sem parada certa, ao lado de seu amor Valentim, na incerteza do amanhã, ganhando o suficiente apenas para o sustento de um dia. O ponto de convergência entre todas as histórias que constituem o romance é Maria Moura, ou seja, as histórias dos outros narradores confrontam-se com a sua história, e a Casa Forte é o paradeiro final lembrado tanto por Marialva como pelo Beato Romano.

Antonio C. de M. Pacheco, ao examinar os manuscritos, infere que:

Memorial de Maria Moura” é o memorial da própria autora, “cuja voz só pode ser captada pelos ouvidos (ou olhares) mais sensíveis ao sugerir, no silêncio dos manuscritos, por meio da contraposição do comportamento feminino frente ao masculino, uma atitude feminina que tangencia a anarquia do matriarcado de Pindorama.³⁴

2.3 A criação dos personagens

Os seres no *Memorial* se assemelham a malabaristas numa corda bamba, ora são demasiado humanos, demonstrando solidariedade, coragem, em harmonia com o mundo, ora revelam covardia, alienação, ambição, orgulho, vaidade, em desarmonia.

Maria Moura é a que possui o traço mais marcante e é capaz de um esforço muito grande para proteger um amigo. Mas, também é capaz de mandar matar alguém. É o que acontece em seu relacionamento com Jardimino.

³⁴ Pacheco, p. 88.

Maria Moura não perde a feminilidade, aproveita a fragilidade feminina atribuída às moças para atrair Jardimino, iludindo o caboclo com juras de amor para que ele mate o seu padrasto, depois convence João Rufo do atrevimento de Jardimino, e também manda matá-lo, como podemos observar no resumo da obra mais adiante. À medida que se torna rica latifundiária manipula as pessoas.

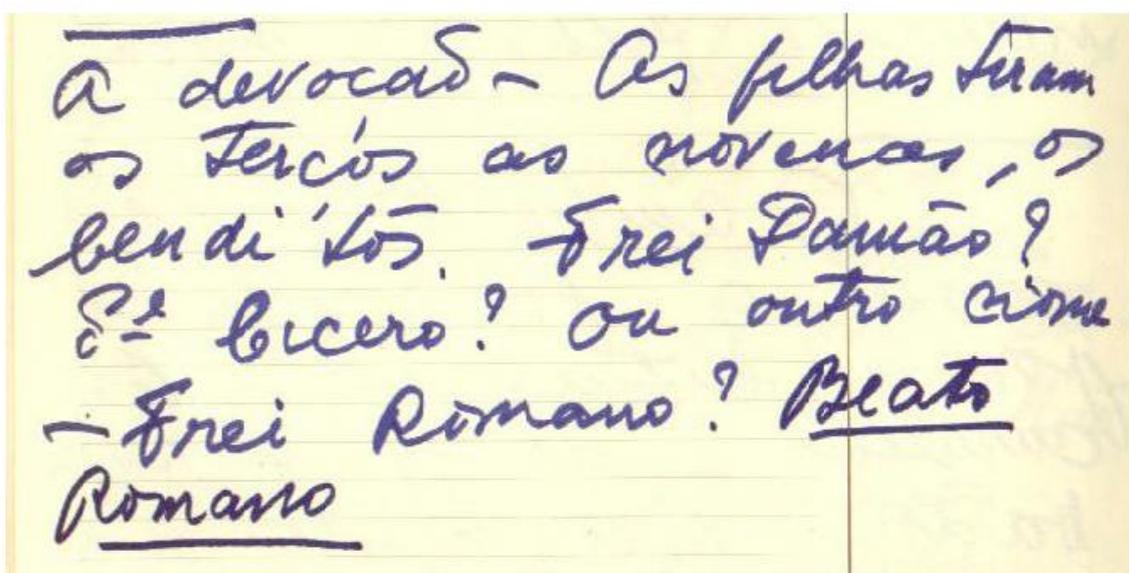
Sem hesitar a vingança da morte da mãe, Maria Moura é ousada em maquirar e executar os planos que defendem os seus interesses. Também enfrenta a mata fechada, fugindo dos seus primos após atear fogo na casa do Limoeiro. Prospera como chefe de um bando de cangaceiros, sendo respeitada por eles.

Sempre ambiciosa, a protagonista começa a se realizar com a apropriação das terras na Serra dos Padres. Orienta a construção da Casa Forte, um misto de casa grande e fortaleza militar, edificando no centro, a casa da Dona Moura, e no entorno seus homens constroem os cômodos. Desta forma, caracteriza-se uma hierarquia. Submetidos à dominação, os homens possuem moradia, sustento, alimentação e a condição de homens livres, porém não iguais. Toda concessão é revertida em serviços prestados por eles. Duarte, seu primo bastardo e sua mãe Rubina apresentam-se como servos domésticos, ele, visto como administrador e ela como governanta.

A fazendeira acolhe também a prima Marialva, o marido e o filho quando estabelece um vínculo de madrinha e afilhado entre ela e o bebê.

Para falarmos um pouco mais sobre a criação das personagens e a escolha dos nomes, observa-se que paira uma dúvida na imaginação da

autora. Primeiro, faz uma lista, como no caso da personagem José Maria que se transforma em Beato Romano. Pode-se inferir, por meio da observação da figura encontrada na página sete de sua agenda, na qual ela busca um nome que representasse a consciência religiosa. Esta figura é citada por Antonio C. de M. Pacheco, em sua dissertação de doutorado, cujo tema é Personagem em construção no *Memorial de Maria Moura* estudo da gênese do Beato Romano:



Ag. p. 07

Figura 5: Agenda de Rachel de Queiroz.³⁵

Podemos dizer que Rachel de Queiroz, por meio do resgate de suas memórias parece criar, dentre outras personagens, Maria Moura, inspirando-se na figura da Rainha da Inglaterra, Elizabeth I (1558-1603), pelo seu caráter forte e pela liderança nata. Segundo Queiroz, Elizabeth, em discurso para incentivar as tropas inglesas, que enfrentariam a armada espanhola, dissera que sabia que tinha o corpo de uma mulher fraca e frágil, mas também o coração e o estômago de um rei, e de um rei da Inglaterra.³⁶

³⁵ Pacheco, p. 23.

³⁶ R. de Queiroz, *Memorial de Maria Moura*, disponível em <http://shovoong.com/books>, acessado em 15 de outubro de 2008.

Demonstrando sua fortaleza, a personagem Maria Moura fala:

Minha primeira ação tinha que ser a resistência. Eu juntava os meus cabras – os três rapazes. João Rufo (que em tempos antes já tinha dado suas provas). Os dois velhos poderiam servir para municiar as armas, na hora da precisão. Eu queria assustar o Tonho. Nunca se viu mulher resistindo à força contra soldado. Mulher, pra homem como ele, só serve pra dar faniquito. Pois, comigo eles vão ver. E se eu sinto que perco a parada, vou-me embora com meus homens, mas me retiro atirando.³⁷

Para a autora não interessa apenas o registro ou transposição fotográfica da realidade externa, mas a reconstrução por meio dos mecanismos conjugados da imaginação e da memória. E, desse modo, afirma que “a ficção é muito mais reveladora”³⁸.

Queiroz dedica a obra a três pessoas: à Rainha da Inglaterra, Elizabeth I, pela inspiração, à sua irmã Isinha, pela cumplicidade com ela e com Maria Moura, e Osvaldo Lamartine, pela inestimável ajuda³⁹.

De acordo com Damasceno, a dedicatória que a autora faz à Rainha Elizabeth refere-se à memória histórica da Inglaterra, e:

na saga de Maria Moura, verifica-se que há religiosidade, violência, traição e desconfiança por causa da luta incessante pelo poder. Observa as diferenças circunstanciais dessa personagem, constata-se muitos pontos de contato entre a saga da bandoleira sertaneja e a de uma rainha inglesa. Elizabeth, que comandou a Inglaterra de 1558 a 1603, teve sua mãe, Ana Bolena, assassinada pelo pai, Henrique VIII quando ainda era criança. Muito cedo a menina se viu enredada num

³⁷ R. de Queiroz, *Memória de Maria Moura*, p. 40.

³⁸ Nery, p. 31.

³⁹ R. de Queiroz, *Memorial de Maria Moura*, p. 6.

jogo de intriga que intentou sua morte ou a sua retirada da linha de sucessão no trono inglês.⁴⁰

As quarenta e duas divisões da obra são intituladas pelo nome dos personagens. Cada um vai contando sua história alternadamente. Beato Romano em onze partes, Marialva com seis, Tonho, três e Irineu, uma. As demais divisões são relatos de Maria Moura, as quais predominam no romance. Apresentaremos o resumo da obra em apêndice⁴¹

Em *Memorial de Maria Moura*, como se percebe, a autora ao longo do texto aborda inúmeros assuntos. Entretanto, destacaremos a pólvora e o salitre para estudarmos no segundo capítulo, pois no romance aparecem as questões relacionadas ao uso das armas e munições, bem como os elementos utilizados para a fabricação da pólvora: salitre, enxofre e o carvão. Em toda a narrativa Queiroz relata fatos ocorridos que implicam o uso de tais elementos. As armas de fogo são objetos muito utilizados no decorrer das histórias, parecem até fazer parte das vestimentas das personagens.

Nesta perspectiva, para melhor compreensão desta pesquisa, ressaltaremos no Capítulo II alguns aspectos da ciência que a obra apresenta.

⁴⁰ Damasceno, *Estratégias Ficcionalis e Resistência*, p. 57.

⁴¹ Para o resumo da obra *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz, vide o Apêndice na p. 61.

Capítulo II

ASPECTOS DE CIÊNCIA: O SALITRE E A PÓLVORA EM *MEMORIAL DE MARIA MOURA*

Memorial de Maria Moura é o último romance escrito por Rachel de Queiroz. Esta obra é uma narrativa de reminiscências que retrocede ao século XIX. Ela é subdividida em quarenta e duas partes, apresentadas por um discurso polifônico, ou seja, composta pelas múltiplas vozes dos vários narradores que contam a história. Nesta abordagem, a polifonia se caracteriza pelo ponto de vista dos personagens de maior destaque. Em cada uma das quarenta e duas divisões o nome do personagem intitula a divisão por ele narrada. Os cinco narradores se alternam ao longo da narração do romance: O Padre que se transformara em Beato Romano, Irineu, Tonho, Marialva e Maria Moura.⁴²

O romance acompanha a trajetória da protagonista, isto é, Maria Moura, que, de uma moça sozinha e desamparada, transforma-se em uma pessoa forte e corajosa, líder de um bando de aventureiros, semelhantes a jagunços, no sertão brasileiro.

Raquel de Queiroz revela-nos um perfil que, embora feminino, oscila constantemente entre um comportamento ora de homem, ora de mulher. Isso pode ser constatado até na mudança de indumentária da personagem principal, como mostra o trecho narrado pelo Padre José Maria: “E então aparece a Dona. Calçava botas de cano curto, trajava calças de homem, camisa de xadrez de manga arregaçada. O cabelo era aparado, curto, junto ao ombro”⁴³. O comportamento masculino mostra que Maria Moura é capaz de impor respeito e obediência aos homens que a acompanhavam em seu bando. Em contrapartida, ela também se revela capaz de persuadir os homens por meio da sensualidade feminina, como fez para seduzir Jardimino, com o intuito

⁴² Neto, *Rachel de Queiroz*.

⁴³ R. de Queiroz. *Memorial de Maria Moura*, p. 10.

de encomendar o assassinato do padrasto: “Logo na primeira ocasião em que pude falar sozinha com ele – era de noite, nós dois sentados no parapeito baixo do alpendre, provoquei Jardimino a tomar algumas liberdades comigo”.⁴⁴

Analisando-se as divisões do romance *Memorial de Maria Moura* constata-se que dentre as quarenta e duas divisões, vinte e seis mencionam ora armas e munições, ora pólvora e seus componentes: carvão, enxofre e o salitre. Entretanto, a trigésima divisão é a de maior relevância para esta pesquisa, visto que é nesta parte que Queiroz, por meio da personagem Maria Moura, discorre com maior intensidade sobre a pólvora e o salitre.

No romance há algumas divergências, no que diz respeito ao modo de moer o produto, sendo apresentada uma forma artesanal, utilizando-se “mão de pilão” ou pilões. Nos textos por nós consultados sobre a produção de pólvora durante o século XIX no Brasil, também mencionam pilões, porém não mencionam “mão de pilão”, ademais, citam “Laboratório da Refinação do Salitre”⁴⁵ e maquetes do sistema de pilões acionados mecanicamente e usados no fabrico da pólvora. Percebe-se que a forma de obter o salitre e preparar a pólvora pouco ou nada mudou até o período descrito pela autora, conforme será apresentado adiante.

As demais divisões, sobretudo as apresentadas por Marialva, não mencionam nenhum dos componentes já citados, visto que a sua personagem difere-se de Maria Moura por apresentar-se como uma jovem ingênua que assume a condição de mulher submissa, sem pensar em herança e riquezas, priorizando o amor.

⁴⁴ Ibid., p. 25.

⁴⁵ Ferraz, “A produção de salitre no Brasil Colonial,” p. 847.

Retomando a divisão número trinta, cuja narração é feita por Maria Moura, pode-se perceber que Rachel de Queiroz apresenta a pólvora e seus componentes com maior incidência. Ao lembrar-se do surgimento do Padre / Beato Romano apresentado na divisão número dois, a personagem Maria Moura retoma a narrativa dizendo que ele portava uma espingardinha e veio pedir asilo em sua casa.

Na mesma divisão do romance, a personagem narradora discorre sobre o seu casamento com Duarte. Nesse ínterim, aparece Antônio Muxió, ex-vaqueiro de boiada que estivera preso porque roubara alguns gados. Nesta parte, Antônio conta que foi na prisão que soubera da fama de Maria Moura, uma mulher muito valente.

Moura mostra interesse em contratar Antonio como segurança, visto que ele possuía arma, munição e, principalmente, a pólvora que era um produto difícil de encontrar, conforme a personagem relata com frequência: “Por isso eles às vezes atacavam, sabendo que os homens não tinham dinheiro, mas era só pelas armas, a munição e, principalmente, a pólvora... Munição de bacamarte não era difícil, difícil mesmo só a pólvora”.⁴⁶

A dificuldade de se obter a pólvora estava relacionada à sua produção. De fato, como observam Piva e Filgueiras, dos ingredientes utilizados para a sua fabricação o salitre teria sido um componente de difícil obtenção, uma vez que sua ocorrência natural dependia de condições, as quais impediam sua dissolução pela água, na qual era altamente solúvel.⁴⁷ Assim, por falta de conhecimento técnico para se extrair e transportar esse componente, a

⁴⁶ R. de Queiroz. *Memorial de Maria Moura*, p. 328.

⁴⁷ Piva & Filgueiras, “O fabrico e uso da pólvora no Brasil colonial,” p. 930.

produção teria sido abandonada, à época, no Brasil, passando então a ser importado de países do oriente e também da produção química realizada em países europeus, que acabava saindo mais barato. Além disso, como observa Ferraz, ao transportar o material até a fábrica de pólvora havia muito desperdício, pois durante a viagem, que duravam muitos dias e, segundo a autora o transporte acontecia em sacos de couro ou buacas em lombo de animais. Ademais era uma viagem longa sob sol e chuva e ainda, ao atravessar os rios o salitre passava pelos recipientes, ocasionando, portanto, a sua diminuição.⁴⁸

Cabe observar que no século XIX, para a exploração do salitre no Ceará, após investigações do solo em Tatajuba, instalam-se laboratórios para refinar o tão valioso material, uma vez que, lá havia uma mina muito fecunda. Entretanto, houve a necessidade de mudança após verificar o empobrecimento daquela região, no que tange ao salitre, transferindo-se para outras regiões. Com o falecimento do governador do Ceará, Bernardo Manoel Vasconcelos, João da Silva Feijó enfrentou dificuldades, devido à apatia do governo interino, dizendo que as despesas não compensavam os gastos, ocasionando, portanto, o fechamento dos laboratórios de refinação do salitre.⁴⁹

Para a extração do salitre, foram construídos pelo menos dois laboratórios na região do Ceará que funcionaram entre 1800 e 1805.

Segundo Ferraz,

a utilização do salitre como fertilizante e, ainda, como matéria-prima para a produção industrial de ácidos é objeto mais recente. Entretanto, sua importância na fabricação de materiais explosivos é

⁴⁸ Ferraz, "A produção de Salitre no período colonial," p. 849.

⁴⁹ Silva, *As viagens filosóficas*, p. 186.

sobejamente conhecida desde muito tempo e mereceu o cuidado dos governos preocupados, em maior ou menor extensão, com a defesa de seus domínios. Tratava-se, por um lado, da obtenção de umas das matérias-primas básicas para a produção da pólvora e, por outro, da fabricação da pólvora propriamente dita e do aperfeiçoamento de sua eficiência destrutiva.⁵⁰

Desse modo, como observa Ferraz, em 1806 o governo pôs fim às pretensões de João da Silva Feijó, determinando o fim da exploração do salitre na fábrica do Ceará⁵¹:

Cabe notar que existiam fábricas para produzir pólvoras no Brasil no século XIX. A primeira fábrica de pólvora instalada no Brasil foi junto à Lagoa Rodrigo de Freitas, sob direção do Brigadeiro Carlos Antonio Napion, por decreto do Príncipe D. João VI⁵². Esta fábrica foi desativada em 1826 e transferida para outra vila, ficando no “Museu da Pólvora” no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, maquetes de pilões e mós utilizados na fabricação do produto em questão, como se observa nas figuras, a seguir apresentada:

⁵⁰ Ferraz, “A produção do salitre no Brasil Colonial,” p. 844.

⁵¹ Von Eschwege, *Pluto Brasiliensis*, vol. 2, São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, p. 190, apud Ferraz, “A Produção do Salitre no Brasil Colonial,” p. 845. João da Silva Feijó (1765-1815), naturalista brasileiro que “no início do século XIX, encontrava-se em Fortaleza - Ceará, realizando trabalhos em nitreiras e coletando plantas e minerais”. Ferraz, *As Ciências em Portugal e no Brasil (1772 – 1822)*, p. 170. Os trabalhos de Feijó envolvia a produção pólvora. Ele chegou à Capitania do Ceará, onde permaneceu por aproximadamente dezoito anos, com o objetivo de investigar o solo em busca do salitre. Mais informações sobre este assunto, bem como o Laboratório para extração do salitre na capitania do Ceará, vide Ferraz, “A Produção do Salitre no Brasil Colonial,” p. 845.

⁵² Piva & Filgueiras, p. 930.

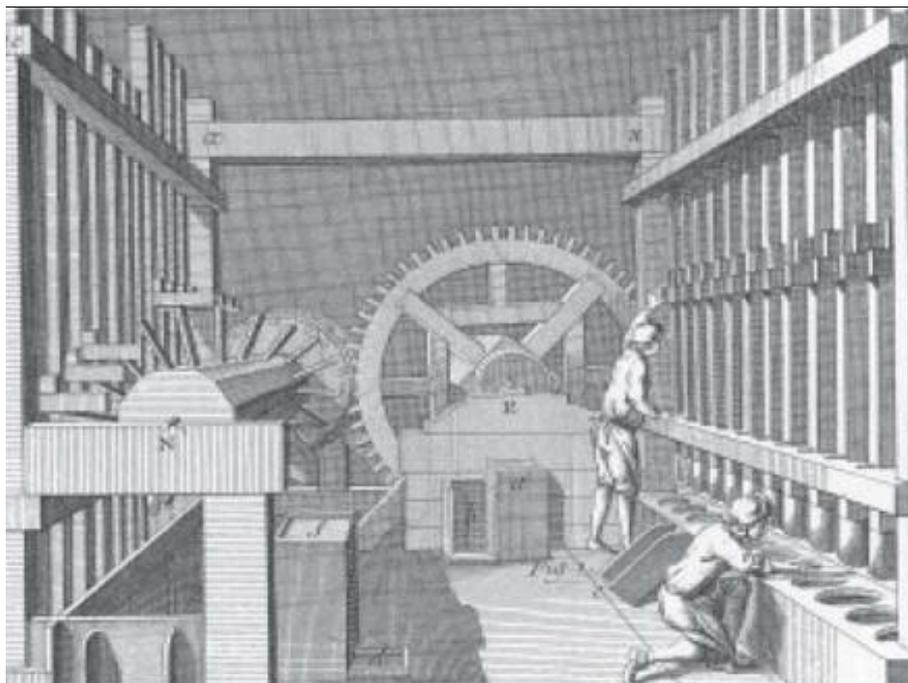


Figura 1 Pormenor de gravura da Enciclopédie de Diderot (1768) ilustrando o fabrico da pólvora.⁵³



Figura 2 Maquete existente no Museu da Pólvora do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que mostra uma reconstituição do sistema de pilões acionados mecanicamente e usados no fabrico da pólvora na fábrica estabelecida pelo Príncipe Regente D. João em 1808. A instalação se parece muito com aquela da Figura 1.⁵⁴

⁵³ Piva & Filgueiras, 930.

⁵⁴ Ibid.

Queiroz traz ao leitor, por meio do romance, relatos sobre a fábrica de pólvora que Maria Moura constrói na Casa Forte e também da dedicação e a preocupação de Duarte para com o fabrico do produto.

E ele se dedicava mais que tudo à usina da pólvora. A preparação de guerra dos Siriemas e dos Mel-com-Terra do Bacamarte nos deu boa freguesia. Também Duarte, que tudo fazia bem feito, fabricava uma pólvora de primeira. Os compradores diziam que era até melhor que a inglesa, e Duarte acreditava. Só não ficava mesmo melhor do que a estrangeira por causa da embalagem. Mas na Casa Forte já estavam até fazendo umas caixetas de pau para arrumar bem arrumadas as dúzias e grosas de cartuchos⁵⁵.

Quando se sentia ameaçada, a cangaceira não se intimidava, procurando imediatamente ampliar sua segurança: “Na verdade, na Casa Forte se estava mesmo precisando de pessoal. Eu tinha que tomar mais cuidado quando punha as minhas parselhas em campo”⁵⁶. Como já possuía armas restava-lhe assegurar a pólvora, que, conforme afirma, era um produto difícil de encontrar. Maria Moura diz:

Duarte andava falando em arranjar um ‘moinho de pólvora’, feito um que ele tinha ouvido notícia. Era do governo, e fabricava pólvora para fornecer em quartel. Deixei que ele desse uma viagem a Santana Mestra, uma vila onde havia grande guarnição de praça – tinha até sargento e tenente. E lá fazia pólvora. Mas quando Duarte chegou no lugar, a fábrica tinha sido fechada. A sorte é que ele se meteu com um cabo, pagou-lhe umas cachaças e conseguiu ver como era a tal de fábrica tão falada”⁵⁷.

⁵⁵ R. de Queiroz. *Memorial de Maria Moura*, p. 468.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 328.

⁵⁷ *Ibid.*

E prossegue dizendo:

Bem, parece que o trabalho não era difícil. Primeiro, tinha-se que arranjar o material para fazer a pólvora: o salitre, o enxofre e o carvão. Pisava-se ou se moía cada um dos três, até virar pó, mas tudo em separado. Ao misturar, era preciso obedecer a receita, tantas partes disto, tantas daquilo. E no operar a mistura, havia que usar do maior cuidado para não estourar, porque aquilo já era pólvora.⁵⁸

Nesse trecho, a personagem Maria Moura refere-se brevemente sobre o fabrico da pólvora e de seus componentes, além de apontar para os cuidados a serem observados, visto tratar-se de material explosivo. Aqui Maria Moura parece referir-se à pólvora negra, que era uma mistura complexa de três ingredientes fundamentais, o salitre, ou nitrato de potássio, o enxofre e o carvão, e que, segundo Piva e Filgueiras, era usada como propelente e explosivo.⁵⁹

Assim, a respeito da “receita” e dos ingredientes para se produzir pólvora, a personagem Maria Moura comenta que, o carvão poderia ser produzido por eles mesmos, e o enxofre, comprado numa *botica* situada numa rua naquela proximidade.

– O carvão se faz aqui mesmo; o enxofre, um boticário da rua, conhecido velho desde os tempos das Marias Pretas, poderá arranjar. Ele recebe enxofre pra vender na botica, que é muito procurado contra coceira braba e curuba. O velho me disse que é só aumentar os pedidos ao fornecedor, acho que é da Bahia. Ou do Recife.⁶⁰

⁵⁸ Ibid., p. 329.

⁵⁹ Piva & Filgueiras, 930.

⁶⁰ R. de Queiroz. *Memorial de Maria Moura*, 329.

Além disso, Maria Moura diz que o enxofre era um produto muito procurado para curar coceiras. Como se sabe a escabiose (popularmente chamada sarna) é uma ectoparasitose endêmica que por muitos séculos foi considerada uma das dermatoses mais freqüente em seres humanos, afetando as comunidades carentes e rurais e no tratamento dessa doença utilizavam-se uma porcentagem de enxofre.⁶¹

Por sua vez, quanto ao salitre, ela explicita:

– Já o salitre, pra fazer a pólvora, se gasta dele em maior quantidade do que de enxofre; mas não precisa mandar comprar em praça grande. Disse o cabo que o salitre que eles gastavam vinha de umas minas das bandas da Bahia. É o que a gente chama aqui de ‘sal de mina’⁶².

Com referência às minas da Bahia, Robert Southey diz que o governador da Bahia, com o objetivo de tornar desnecessário importar da Ásia o salitre, partiu para o sertão para explorar umas minas.

Confiando inteiramente no bom resultado, levou ele consigo logo uma companhia completa de gente para extrair o mineral, e desembarcando na vila de Cachoeira no Recôncavo, deu-se princípio à jornada por terra. Muito pelo interior adentro jaziam as minas, para tornar acessíveis as quais cumprira abrir caminhos. Ensaíram-se ela em quatro lugares diversos, construíram-se obras, em sacos de couro se mandou para a Bahia o nitro; não tardaram, porém a reconhecer-se as despesas e inconvenientes de um transporte de trezentas milhas por terra, abandonando-se o pouco judicioso projeto.⁶³

⁶¹ Correia, Rodrigues & Mesquita, “A Assistência de Enfermagem na Puericultura,” p. 225.

⁶² R. de Queiroz. *Memorial de Maria Moura*, p. 329.

⁶³ Southey, *História do Brasil*, p. 19.

Em ambos os textos os autores relatam sobre as minas de salitre existentes na Bahia. Sabe-se que para desenvolver um bom trabalho nas minas de salitre seria necessário apoio governamental. Entretanto, se houvesse divergência de interesse entre os grupos políticos não haveria sucesso. Vale ressaltar o ocorrido com Feijó, que após a morte do governador do Ceará, não teve suporte dos governadores interinos, sobretudo porque se opuseram ao seu trabalho, ocasionando assim dificuldades e até mesmo a sua desistência.⁶⁴

Como já apontamos, a falta de conhecimento técnico para se extrair e transportar o salitre teria conduzido ao abandono de sua produção, passando-se, então, a importá-lo do exterior. É o que também sugere a passagem em que a romancista, por meio da personagem Maria Moura diz: “Pois eu pensava que pólvora se compra junto com as armas e vem tudo do país estrangeiro...”⁶⁵.

Assim, Maria Moura descreve, de forma breve, o fabrico da pólvora:

E não é que Duarte tinha conseguido mesmo a receita verdadeira de pólvora? Cada libra dela, depois de pronta, tem de levar sete partes de salitre, uma parte de enxofre e duas de carvão. Depois disso é só moer e misturar.⁶⁶

Para moer todo o material, Maria Moura diz ter retirado da mata três toras de pau d'arco para cavar e construir o pilão. Entretanto, Moura observa que, para moer o salitre, era necessário um pilão maior. Desse modo, propõe que se utilizem piladores, no caso, duas pessoas com uma “mão de pilão”

⁶⁴ Ferraz, “A Produção do Salitre no Brasil colonial,” p. 845.

⁶⁵ R. de Queiroz. *Memorial de Maria Moura*, p. 39.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 329.

cada, em movimentos coordenados, de modo que, quando uma levantava seu pilador, a outra descia⁶⁷.

Piva e Filgueiras observam que a pólvora era feita de forma artesanal, moendo-se os componentes, juntando-os para moer novamente e, para deixar uma massa uniforme e homogênea borrifava-se água nessa mistura. Depois de pronta espalhava-se a massa para secar ao ar ou em estufa e, por último, era depositada em barris.⁶⁸

No romance, a personagem Maria Moura também descreve o processo de fabricação da pólvora e menciona que os componentes devem ser moídos separadamente, como já foi citado, porém não menciona sobre a mistura da massa. O carvão e o enxofre que Maria Moura cita no texto, sendo utilizados para a fabricação da pólvora, também são mencionados pelos estudiosos do assunto, já mencionados.

Piva e Filgueiras afirmam que “a pólvora negra, usada como propelente e explosivo, é uma mistura complexa de três ingredientes fundamentais, o salitre, ou nitrato de potássio, o enxofre e o carvão”.⁶⁹ Ferraz ao discorrer sobre a pólvora expõe: “A este material [o salitre] se juntava o enxofre e o carvão para se obter, no período em estudo, a explosiva mistura”.⁷⁰

Quanto às fontes dos materiais nitrogenados, para a produção do salitre, Ferraz enumera três, a saber:

- 1) as salitreiras naturais, de cujas “terras” apenas se separava o salitre;
- 2) as salitreiras artificiais, onde se produziam as “terras” que

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Piva & Filgueiras, p. 934.

⁶⁹ Ibid., p. 898.

⁷⁰ Ferraz, "A fabricação da pólvora e trabalhos sobre o salitre," in *As Ciências no Brasil na época de D. João VI*, org. L. Kury & H. Gesteira (no prelo).

dariam o salitre e, 3) o ar, fonte de nitrogênio, um dos componentes do ácido nítrico, passo fundamental para a obtenção do tão desejado material.⁷¹

Para falar das salitreiras naturais Ferraz descreve o procedimento para se obter o material tão desejado. Segundo ela, começa por adicionar em tonéis, camadas de terra alternadas de camadas de cinza e também de palhas para facilitar a passagem da água. Adicionava a potassa e em seguida a água, deixando escorrer por meio de torneiras e orifícios. Em caldeiras a água evaporava, resultando o salitre que posteriormente seria refinado. Já as salitreiras artificiais seriam uma maneira de evitar a falta de salitre, além do ar, que é mais uma das fontes de materiais para a preparação de compostos nitrogenados.⁷²

Mas, no que diz respeito à qualidade da pólvora, Piva e Filgueiras também observam que, para se obter uma boa pólvora, era necessário que o salitre fosse de boa qualidade⁷³.

Retomando a narrativa, os planos de Maria Moura para montar a 'usina' pareciam se concretizar. Diz a personagem que certo dia chegara um comboieiro carregando em bruacas o salitre suficiente para o início da fabricação da pólvora⁷⁴. Dias após, surge um homem misterioso trazendo consigo o enxofre, e o carvão ela já o possuía:

(...) Duarte arrumou uma, mais ou menos inventada. Pegou duas cuias serradas ao meio da mesma coité, pendurou cada uma das cuias num travessão de madeira; presas por quatro cordões, e o travessão era preso no meio, por um prego, que lhe dava o balanço e

⁷¹ Ferraz, "A Produção do Salitre no Brasil colonial," p. 845.

⁷² Ibid.

⁷³ Piva & Filgueiras, p. 935.

⁷⁴ R. de Queiroz, *Memorial de Maria Moura*, p. 331.

fazia de fiel. Os pesos eram moedas de cobre, do que já se tinha fartura (muito diferente dos primeiros tempos, quando a gente vivia tão desprevenida que, pra nós, até dérreis era dinheiro...) ⁷⁵

Por meio da balança descrita nesse trecho, os produtos eram pesados e, em seguida, moídos. E, ao organizar a montagem do moinho, Maria Moura relata que aos poucos fora descobrindo que a produção de pólvora, embora parecesse maluquice de Duarte, dava a ela muita força. Sobretudo, porque no entorno da Casa Forte não havia moinho, somente o seu, ou seja, tudo estaria sob seu comando. É conveniente lembrar que a Casa Forte, muito mencionada na história, era como um quartel comandado por Maria Moura, como afirma o Padre José Maria: “Tudo limpo e tratado, parecia mesmo uma fazenda igual às outras, não fosse aquele jeito quase de quartel.” ⁷⁶

Enfim, a personagem Maria Moura diz, no que se refere a pólvora assim produzida:

“Só que nossa pólvora era garantida, não tinha mistura de terra preta nem outras porcarias; era pura como dinheiro novo saído da cunhagem. Pelo menos era assim que se gabava Duarte, contando os cartuchos bem atochadinhos para cada comprador” ⁷⁷

Nessa passagem, nota-se outra preocupação apresentada pelo personagem. Por ser um material explosivo, Maria Moura recomenda armazenar a pólvora num paiol. E, para embalar a pólvora ela diz que Duarte aprendera como se fazia um cartucho: “(...) se fazia aquele rolo, como se fosse

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ Ibid., p. 10.

⁷⁷ Ibid., p. 332.

uma moeda, na medida de um cartucho mesmo, bem atochado, bem enrolado no papel e dobradinho nas cabeceiras”⁷⁸.

Outro assunto que merece ser mencionado é a maneira como o salitre era transportado, em bruacas, malas feitas de couro de animal. A esse respeito, a personagem Maria Moura diz:

Duarte e eu andávamos muito entretidos com a usina de pólvora, quase só se cuidava disso. Afinal, um dia nos chegou um comboieiro e de um par de malas de couro – as bruacas – tirou sessenta libras de salitre, o bastante para começar o fabrico.⁷⁹

Nessa parte da narrativa, Maria Moura, ao se referir sobre o salitre utilizado na fabricação da pólvora que vinha das minas da Bahia, informa ao leitor que ele era transportado em malas de couro para não derreter na chuva. “E tem que ser transportado em mala de couro, porque arrisca de derreter na chuva, viajando em sacaria de pano ou surrão de palha”.⁸⁰

Essas malas chamadas “bruacas” eram feitas de couro e, por este ser um dos materiais mais impermeáveis, garantia a segurança do salitre e, como veremos adiante, o couro era um material acessível no século XIX, naquela região no Ceará.

A esse respeito, escreve Ferraz:

Em nosso país, a produção de salitre teria sido abandonada, segundo nos relata Souza, por falta de conhecimento técnico na extração e no transporte do material. Acontece que o salitre era transportado em sacos ou bruacas (sacos de couro) em lombos de animais até as fábricas de pólvora. Era uma viagem que durava

⁷⁸ Ibid., p. 331.

⁷⁹ Ibid.

⁸⁰ Ibid., p 329

vários dias sob sol e chuva. Mais água passava pelos recipientes durante as travessias dos rios.⁸¹

O salitre como já vimos era transportado em bruacas, estas por sua vez confeccionadas em couro extraído do gado abatido. Todavia para colocar as bruacas uma em cada lado nos lombos dos animais necessitavam de cangalhas feitas de madeira com os arreios. Conforme descreve a personagem Maria Moura: “além de dominar os comboieiros, ainda se tinha que apanhar e encangalhar os burros que iam levar as nossas cargas para o Socorro”.⁸² Entretanto, as cangalhas e os arreios seriam de boa qualidade. Diz ainda: “As cangalhas escolhemos do melhor, e os melhores arreios”.⁸³

A criação de gado, segundo Capistrano de Abreu, teria influenciado sobre o modo pelo qual se formou a população. A ocupação do território cearense teria se dado fundamentalmente sob a égide da pecuária. Apesar das constantes secas, a pecuária pareceu estar sempre em alta no sertão nordestino.⁸⁴

O Ceará era considerado lugar de terra inútil por não haver pedras preciosas e ouro. Entretanto, essa região possuía a vantagem de ser área boa para a criação de gado, facilitando o comércio de carne, leite, couro, dentre outros. Em decorrência do declínio dos currais da Bahia houve prosperidade no comércio com gado, no Ceará, tornando-se o maior da colônia e aumentando também o povoamento no interior. As vilas foram prosperando e formando cidades. Todavia, as dificuldades em exportar o gado para a Bahia e Pernambuco aumentaram. Desta forma, os comerciantes resolveram abater o gado lá mesmo, no Ceará. Teria surgido, então, a ideia de salgar e secar a

⁸¹ Ferraz, “A Produção do Salitre no Brasil Colonial,” p. 845.

⁸² R. de Queiroz, *Memorial de Maria Moura*, p. 146.

⁸³ *Ibid.*, p. 147.

⁸⁴ Abreu, *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, p. 258.

carne e o couro, adotando-se uma técnica para conservar esses produtos. Como a ideia foi bem aceita, o Estado teria assim passado a ser o principal produtor e começou a exportar tais produtos para outras províncias.⁸⁵

Nesse interesse, surgiu, a primeira indústria cearense. Um curtume artesanal que utilizava, em tanques de madeira, cinza, pedra ume e casca de angico⁸⁶ para tratar o produto que era utilizado para fabricar vários objetos, desde vestimentas, até bruacas.⁸⁷

Rachel de Queiroz aborda outros aspectos em sua obra. Quando ela menciona as charqueadas, carne salgada e o curtume remetem-nos ao fabrico das bruacas e observa-se que nesse ínterim o Ceará se destacou com a indústria de couro. Ademais, ao abater o gado extrai-se também a carne. Sob esta perspectiva, pode-se afirmar que as várias menções no romance refletem aos acontecimentos na Província, o Ceará. Como relata a personagem Maria Moura:

“Eles têm um contrato de fornecimento de carne salgada – que eles chamam de carne de charque e que é mandada para o Sul. E com esse tempo de seca que ainda foi pior para o lado deles, e ainda está muito ruim – eles mandaram os compradores na frente, contratar quanto for de boiada que encontrassem, e apalavrar tudo, sem demora”.⁸⁸

É notória a vantagem do uso da bruaca no carregamento do salitre, haja vista as menções feitas por Ferraz e Rachel de Queiroz. Segundo Figueiredo, as bruacas são malas de couro cru confeccionadas por artesãos e como

⁸⁵ Gevan Oliveira, “O desbravador do sertão.”

⁸⁶ Os extratos aquosos de Angico branco permitem o tratamento do couro de uma maneira que as propriedades mecânicas do produto acabado atingem as devidas necessidades. Pereira Junior, Schwartz, & Melchers, “Contribuição para um desenvolvimento sustentável do curtume de couro.”

⁸⁷ Gevan Oliveira, “O desbravador do sertão.”

⁸⁸ R. de Queiroz, *Memorial de Maria Moura*, p. 471.

exemplo, cita o senhor Nelson José dos Santos (foto 1), da cidade de Rio de Contas na Bahia, que confecciona uma variedade de peças, utilizando o couro. Ele afirma dedicar-se à confecção de objetos há alguns anos, e uma das peças fabricadas por ele é a bruaca, que pode ser feita de diversos tamanhos. Diz ainda que, para realizar o seu trabalho são necessárias ferramentas simples (foto 2), porém, o primeiro passo é a aquisição do couro. Compra-se a pele do boi, que deve ser esticada ainda fresca, lavada e estendida para secar. Após secar, o couro é recortado com *suvela* que é um objeto pontiagudo. O fabricante utiliza também esquadrias e régua para medir as peças. E por fim, faz uso de facas para o acabamento das correias.⁸⁹

As fotos a seguir apresentadas, mostram as bruacas, tal como são hoje produzidas, bem como os materiais utilizados na sua confecção.

⁸⁹ Figueiredo, *Um Rio de Contas e tradições*.



Foto 1: Sr. Nelson José dos Santos e as bruacas fabricadas por ele.⁹⁰

⁹⁰ Figueiredo, *Um Rio de Contas e tradições*.



Foto 2: Ferramentas utilizadas na confecção das bruacas.⁹¹



Foto 3: Bruaca.⁹²

Assim, pelo exposto, podemos afirmar que o processo criativo de Rachel de Queiroz em *Memorial de Maria Moura* envolve dentre outros assuntos, os

⁹¹ Ibid.

⁹² Ibid.

aspectos da ciência acerca da pólvora e seus componentes, bem como a importância da técnica do transporte do salitre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa não tem a pretensão de ser um trabalho conclusivo acerca do tema, nem busca esgotar o assunto. Sobretudo, porque na obra literária existem vias de acesso que oferecem a possibilidade de inúmeras leituras, instigando o leitor às investigações acerca dos aspectos da ciência que estão, ora explícitos, ora implícitos nos textos.

No contexto da História da Ciência, que nos proporciona meios instigantes para uma leitura interdisciplinar voltados à Ciência e à Literatura, destacamos alguns aspectos da ciência na obra de Rachel de Queiroz como reflexo de uma possível convergência científico-literária.

Verificamos no primeiro capítulo que a influência da autora na Literatura Brasileira é notória. Tratando-se da temática, a autora busca o equacionamento social e também defende a emancipação da mulher na sociedade brasileira. Ao investigar os meandros do processo de escrita de Rachel de Queiroz, percebe-se que há uma preocupação com os aspectos políticos e sociais que se coaduna com a apresentação do seu romance *O Quinze*, no qual ela expõe a dramática luta de um povo contra a miséria e a seca no Ceará, onde ocorre a imensa maioria de sua produção literária, integrada numa dimensão ficcional.

Em *Memorial de Maria Moura*, Rachel de Queiroz apresenta um romance histórico que retoma a cultura nacional, a ciência e a técnica, fazendo uma alusão à extração do salitre e a fabricação da pólvora no Brasil no início do século XIX. O momento mais incisivo é quando a autora menciona o moinho de pólvora e as minas de salitre existentes na região Nordeste, focalizando o

Ceará, onde se passa a narrativa. A personagem Maria Moura, em vários momentos relatados no texto, menciona o uso das armas e munições, bem como a pólvora e seus componentes químicos. Isso consolida a idéia de uma “mulher forte” fazendo-se passar por homem, como se observa também pela indumentária, suas vestes, com trajes masculinos, o cabelo curto, a maneira como ela montava a cavalo, seus atos, atitudes demonstrando sua fortaleza. O uso indiscriminado das armas também remete aos costumes desse período, uma vez que as armas faziam parte da indumentária das autoridades, sobretudo, no nordeste brasileiro, visto que as armas faziam parte das vestes sertanejas, ostentando, desta forma uma boa figura. E como mostra a ficção, Maria Moura utilizava-se deste artifício, retratando uma figura forte e valente.

Como vimos no capítulo II, as técnicas para se obter a pólvora e o salitre assim como as dificuldades para sua obtenção e transporte no século XIX, influenciam o fazer literário de Rachel de Queiroz. A autora revela grande senso de observação para extrair dos fatos cotidianos, elementos para analisar e registrar acontecimentos históricos e políticos, visto que sempre se interessou por tudo que acontece nessas áreas. Desta forma, o estudo desse tema ocasiona observações interessantes de como se relaciona com os diferentes âmbitos das ciências sociais da tríade autor-obra-leitor.

Contudo, observa-se que o assunto é inesgotável. Todavia, esmiuçar e valorizar a produção literária da autora, ressaltando as características que revelam a importância de seus textos quando lidos pela óptica da ciência, os tornam grandiosos.

Considerando-se que a aproximação entre Ciência e Literatura venha ampliar estas áreas, elucidar teorias científicas nos aspectos mais intrínsecos da obra literária, enriquecerá ainda mais o estudo, tanto de um universo quanto do outro. Todavia, ainda há muito que se pesquisar e investigar sobre o tema, uma vez que, na própria vida ocorrem os dois aspectos.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1960.
- Alfonso-Goldfarb, Ana M. *O que é História da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____ & Márcia H. M. Ferraz. “Raízes históricas da difícil equação institucional da ciência no Brasil.” *São Paulo em Perspectiva* 16, nº 3 (2002) 3-14.
- _____ & Maria H. R. Beltran, orgs. *Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo: EDUC; Livraria Editora da Física; Fapesp, 2004.
- Alves, Henrique L. *Ficção de 30: 1ª série: José Américo de Almeida, Peregrino Junior, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Marques Rabelo*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Filosofia, Literatura e Ensino, 1978.
- Alves, Jénerson. *Ficção e realidade numa mesma direção*. Recife: s.ed., 2006.
- Antonaccio, Gaitano. *A ficção e a realidade: poesia*. Manaus: Imprensa. Oficial, 2002.
- Ataíde, Vicente. *A narrativa da ficção*. Curitiba: Ed. dos Professores, 1972.
- Bandecch, Brasil. *História e ficção na poesia e no romance*. São Paulo: Editora Panmartz, 1985.
- Britto, Clovis C. “Decifrando O Brasil: Itinerários De Rachel De Queiroz.” *ÍCONE Revista de Letras* 1 (dez. 2007): 65-84.
- Cândido, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva. 1974.
- Chaves, Flávio L. *Aspectos do modernismo brasileiro*. Porto Alegre: Comissão Central de Publicações / UFRGS, 1970.

- Cipriano, Maria do S. "Freyre e seus fantasmas: a sociedade patriarcal e a botija." In *I Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - nossa história ontem e hoje*, 3 a 5 de outubro de 2007, 1-14.
- Colin, Davis & Elizabeth Fallaize. *French fiction in the Mitterand years: Memory Narrative, Desire*. Oxford University Press, 2000.
- Correia, Wallace T. F., André F. S. F. Rodrigues, & Vania L. de S. Mesquita. "A Assistência de Enfermagem na Puericultura Frente a Casos de Escabiose." Disponível em http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&client=firefox-a&hs=D3v&rls=org.mozilla%3Apt-BR%3Aofficial&channel=s&q=A+SARNA+NO+SECULO+XIX&aq=f&aql=&oq=&gs_rfai. Acessado em 8 de agosto de 2010.
- Damasceno, A. A. "Estratégias Ficcionalis e Resistência em Memorial de Maria Moura de Rachel de Queiroz." Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2009.
- Dostoievski, Fiodor M. *Os irmãos Karamazovi*. São Paulo: Nova Cultural, 1970.
- Duarte Júnior, João F. *O que é realidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Eco, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- Farinaccio, Pascoal. *A questão da representação e o romance brasileiro contemporâneo*. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de estudos da Linguagem, 2004.
- Ferraz, Márcia H. M. "A fabricação da pólvora e trabalhos sobre o salitre: Portugal e no Brasil de finais do século XVIII às primeiras décadas do século XIX." In *As Ciências no Brasil na época de D. João VI*, org. L. Kury & H. Gesteira. (no prelo).
- _____. "A Produção do Salitre no Brasil Colonial." *Química Nova* 23, nº 6 (2000): 845-50.

- _____. *As Ciências em Portugal e no Brasil (1772 – 1822): o texto conflituoso da química*. São Paulo: EDUC, 1997.
- Figueiredo, Wilmara. *Um Rio de Contas e tradições*. Rio de Janeiro : IPHAN; CNFCP, 2008.
- Filgueiras, Carlos A. L. “João Manso Pereira, químico empírico do Brasil Colonial.” *Química Nova* 16, nº 2 (1993): 155-60.
- Freyre, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Global, 2004.
- Gass, William H. *A ficção e as imagens da vida*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.
- Gomide, Bruno Barreto. *Da estepe a caatinga: romance russo no Brasil*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem, 2004.
- Gouveia, Horácio B. de. *Luisa Marta: ficção e memória: romance, 1982*. Madeira: Direcção Regional dos Assuntos Culturais - Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 1986.
- Hansen, João Adolfo. *A ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hedra, 2000.
- Hollanda, Heloisa B. de. *Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- Leite, Ligia Chiappini Moraes. *Rachel de Queiroz: invenção do nordeste e muito mais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- Lins, Álvaro. *História da literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1950.
- Machado, Luiz Toledo. *Antônio de Alcântara Machado e o Modernismo*. Rio de Janeiro: J Olympio, 1970.
- Menezes, Cynara. “Leia entrevista de Rachel de Queiroz concedida à Folha em 1998.” *Folha de São Paulo, caderno Folha Ilustrada*, 04 de novembro de 2003.

- Moisés, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- Moraes, Carlos Dante de. *Realidade e ficção*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1952.
- Motter, Maria Lourdes. *Ficção e Realidade: a construção do cotidiano na telenovela*. São Paulo: Comunicação & Cultura, 2003.
- Nery, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel: conversas informais com a escritora Rachel de Queiroz*. São Paulo: FUNPEC, 2002.
- Neto, Moisés. “Estudos Literários – Rachel de Queiroz: Memorial de Maria Moura.” Disponível em <http://www.moisesneto.com.br/estudo08.html>. Acessado em 10 de novembro de 2008.
- Oliveira, Gevan. “O desbravador do sertão.” Disponível em http://www.fiec.org.br/portaiv2/sites/revista/home.php?st=interna5&conteudo_id=15579&start_date. Acessado em 18 de abril de 2010.
- Oliveira, Luiz H. M. de & Regina Carvalho. *Um olhar sobre a história da química no Brasil*. *Revista Ponto de Vista* 3 (2006): 27-37.
- Pacheco, A. C. de M. “Personagens em construção no Memorial de Maria Moura: estudo da gênese do Beato Romano.” Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2007.
- Pataca, E. Moutinho & Rachel Pinheiro. “Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro.” *Revista da SBHC*, 3, nº 1 (jun. 2005): 58-79.
- Pereira Júnior, Roberto J. T., Manfred O. E. Schwartz, & Ingo Melchers. “Contribuição para um desenvolvimento sustentável do curtume de couro através da análise de taninos em devidas plantas.” Disponível em http://www.annq.org/congresso2007/trabalhos_apresentados/T13.pdf. Acessado em 12 de novembro de 2009.

- Piva, T. C. C & C. A. L. Filgueiras. "O fabrico e o uso a pólvora no Brasil Colonial: o papel de Alpoim na primeira metade do século XVII." *Química Nova* 31, nº 4 (2008): 930-36.
- Puccinelli, Lamberto. *Graciliano Ramos: relações entre ficção e realidade*. São Paulo: Edições Quíron, 1975.
- Queiroz, Maria José de. *A América: a nossa e as outras: 500 anos de ficção e realidade 1492 – 1992*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
- Queiroz, Rachel de. *100 Crônicas Escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- _____. *A Donzela e a Moura Torta*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- _____. *As três Marias*: romance. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- _____. *Cenas Brasileiras*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- _____. *Memorial de Maria Moura*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- _____. *O Quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- _____. *Seleção de Rachel de Queiroz*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- _____ & M. L. de Queiroz. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.
- Rêgo, José Lins do. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1987.
- Reynolds-Cornell, Régine. *Fiction and reality in the mémoires of the notorious Anne Marguerite Petit Du Noyer*. Tubingen: Guintar Narr Verlag, 1999.
- Rossi, Paolo. *Naufrações sem espectador: a idéia de progresso*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP. 2000.
- Russel, Bertrand. *Realidade e ficção*. Lisboa: Publicações Europa – América, 1965.

Silva, Clarete Paranhos de. *As Viagens Filosóficas de João da Silva Feijó (1760-1824) no Ceará (Philosophical voyages of João da Silva Feijó (1760-1824) in Ceará)*. Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/12115/8476>. Acessado em 14 de abril de 2010.

_____ & Maria Margaret Lopes. *Uma leitura contextualizada da “Memória sobre a Capitania do Ceará (1814)” do naturalista João da Silva Feijó (1760 – 1824)*. Instituto Geociências/DGAE, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Disponível em http://www.triplov.com/hist_fil_ciencia/feijo/clarete.html. Acessado em 15 de abril de 2010.

Southey, R. *História do Brasil*. B. Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

Spaey, Jacques. *O desenvolvimento pela ciência*. Trad. Jair Gramacho. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

Stengers, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. Trad. Max Altman. São Paulo: Editora 34, 2002.

Tamaru, Ângela Harumi. *A construção Literária da Mulher Nordestina e Rachel de Queiroz*. São Paulo: Scortecci, 2006.

Teles, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais manifestos, prefácios e conferências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

Vieira Júnior, A. Otaviano. *Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.

Vila Nova, Sebastião. *A realidade social da ficção; uma sociologia paralela*. Recife: IJNPS, 1975.

Walty, Ivete Lara Camargos. *Que é ficção*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Weismann, Donald L. *Artifacts, Fiction & Memory: an Insidious Bouquet of essays*. Raleigh, NC: Pentland Press, 2001.

APÊNDICE

O romance *Memorial de Maria Moura* possui 42 divisões narradas pelos personagens de maior destaque:

1- O Padre

Sentado embaixo de uma moita, o Padre encontra-se em suas lembranças. Inicia a narrativa relatando sobre o tiro que ouvira enquanto aguardava aparecer alguém no entorno da casa de Maria Moura para pedir asilo, pois havia algum tempo ele estava em fuga por cometer um assassinato e vem à procura de Maria Moura. Lembra-se do tempo de sacerdócio, do momento em que a jovem confessara um pecado da carne com seu Padrasto e ameaçara matá-lo. Após tantos anos lá estava ele em busca da troca de favor naquela casa que segundo ele, mais parecia um quartel. Abordado por dois capangas, o Padre é levado ao encontro da cangaceira que se apresenta semelhante a um homem, como descreve o Padre: cabelos curtos, calças masculinas e bota.

2- Maria Moura

Nessa divisão evidencia-se a polifonia da obra, pois apresenta-se a perspectiva de Maria Moura que dá início à sua narração dizendo que lembrava-se daquela “cara”. Ela não acha aquele rosto estranho, mas não tem muita certeza de quem seria aquele homem, até que ele questiona se ela se

recorda da confissão. Moura ainda se faz de desentendida, mas ele insiste: “Sei que se lembra. A senhora devia ser muito mocinha, mas sei que se lembra. O assunto era sério demais. E, sobretudo, porque logo depois mataram o homem – Luís Liberato”⁹³. Depois de uma “ameaça disfarçada” do Padre, Moura o ameaça perguntando se ele quer morrer também. Mas o Padre pede sua calma e diz que não está ali para ameaçá-la, mas sim para pedir asilo, pois também matara alguém e que deixara de ser padre havia algum tempo. Moura concorda em tê-lo como “um cabra da Casa Forte”. E a partir daquele momento o Padre passa a ser chamado de Beato Romano. No final da conversa, Maria Moura, em pensamentos revela que ela desconfiava que Liberato, o padrasto, matara sua mãe e que poderia fazer o mesmo com ela.

3- Beato Romano

O Beato Romano surpreso com a recepção de Maria Moura comenta que encontrara um chefe de bando, um comandante, uma sinhá governando a sua senzala. O Beato fica confuso, achou fácil demais a sua entrada naquela casa e pensou que Moura poderia matá-lo, pois qual seria a serventia dele? Por outro lado, se tivesse de matá-lo, já o teria feito. Ele recebeu uma rede para dormir, além de pirão de peixe cozido e um “taco” de rapadura.

4- Maria Moura

Configura-se esta divisão a narrativa de Maria Moura lembrando-se do segredo do pecado da carne com seu padrasto que, aliás, nem padrasto era, já que nunca tinha

⁹³ R. de Queiroz. *Memorial de Maria Moura*, 12.

se casado com sua mãe e teria confessado ao Padre/Beato Romano. Conta também o ocorrido aos seus 17 anos quando encontra sua mãe morta, enforcada com o cordão de uma rede. A mulher aparentemente se suicidara, seu medo era maior que sua dor, dizia-se apavorada. Moura, que já havia perdido o pai na infância, passa a ser criada pelo padrasto Liberato, que a seduz e transforma-a em sua amante. Liberato tenta induzir Moura a assinar documentos que passariam para ele a propriedade herdada de seu pai. Diante da recusa, o padrasto a ameaça e insinua que sua mãe talvez não tivesse se matado, mas sido assassinada, o que se confirma depois. O motivo era o mesmo do conflito naquele momento, uma vez que a mãe também se negara a assinar o documento.

Maria Moura conta que não poderia mesmo assinar coisa alguma, pois a terra teria de ser dividida aos três herdeiros por parte de seu avô materno, o inventário corria em juízo por mais de vinte anos. A personagem afirma que o sítio era ocupado “na raça”, já as terras que Moura sabia que pertencia a sua família, já não sabia mais há quantas léguas estavam, e reaver suas posses era sonho de seu avô, passando para seu filho, pai de Maria Moura. As terras mencionadas pertenceram aos padres, onde se acreditava haver botijas cheias de moedas de ouro enterradas por eles. Moura conta que a ideia de seu avô era procurar por essas botijas e que muitas casas já haviam sido derrubadas por conta daquela “lenda”.

Maria Moura, aos poucos, vai perdendo o medo, até que decide matar Liberato. Apesar de tornar-se uma mulher de fibra, corajosa, às vezes impiedosa e fria, ela nunca havia matado ninguém, sempre encarregava outras pessoas de fazê-lo.

Sob as ameaças de Liberato, Moura trama o assassinato daquele que seria seu padrasto e tornara-se seu amante. Primeiro, ela seduz um caboclo da região, Jardimino, que mata seu padrasto, com a promessa de que se casaria com ele. Depois, diante da insistência e das ameaças do caboclo, que queria possuí-la, Moura induz o

feitor de sua propriedade, João Rufo, a matar Jardimino. Maria Moura passa a viver na propriedade, o Limoeiro, apenas com suas duas “cunhãs” da cozinha (Chiquinha e Zita), deixada pela família do pai. Contudo, a herança torna-se alvo de cobiça dos primos Irineu e Tonho e da mulher deste, Firma, que reivindicavam parte da propriedade, dois terços da herança. Diante da recusa de Moura, os primos apelam para a justiça, porém, Maria Moura resiste e afirma “Se os ladrões dos meus primos querem tomar o que é meu, que venham, com o delegado e tudo. Eu enfrento. Da minha casa só saio à força e amarrada”⁹⁴.

A Sinhazinha chamou João Rufo e os homens que moravam no sítio, Eliseu (tirador de leite) e Chico Anum (tomava conta das plantas) e perguntou sobre os filhos de Chico e o sobrinho de Eliseu. Maria Moura chama-os para defender sua casa e pede para levarem munição. João Rufo fala sobre José Calixto: “–Tem um homem no mercado – aquele tal de João Calixto – que vende pólvora e chumbo. Diz o povo que ele fabrica de contrabando, porque é proibido. Só quem pode fabricar pólvora é o governo.”⁹⁵

5- O Tonho

O Tonho a caminho de casa conversa com Irineu, falam sobre a morte da Tia e confabulam sobre a hipótese de Liberato ter matado sua Tia. Cogitam a possibilidade de terem feito besteira ao deixar nas mãos do delegado a tomada da herança que lhes era de direito. Temiam que Maria Moura fosse capaz de correr com os soldados e o delegado da mesma forma que fez com eles. Os dois decidem voltar para o sítio. No caminho, Tonho imagina um plano para tomar as terras herdadas, caso o delegado não tomasse providência alguma, eles levariam uns cabras armados, chegariam lá à

⁹⁴ Ibid., 38

⁹⁵ Ibid., 39.

noite, pegariam a “gata brava” nem que fosse atada com corda e trariam para as Marias Pretas, depois espalhariam que roubaram a prima para que se casasse com seu primo Irineu. Ele até se casaria, mas comenta que temia a má fama e braveza de Maria Moura.

6- Irineu

Irineu, ao iniciar a narrativa, reflete sobre a divisão da herança e faz planos de “seqüestrar” a prima, levando-a para outro lugar, as Marias Pretas, deixando sob a guarda da cunhada e Tonho, depois casar-se-ia com ela.

Irineu reflete sobre a possibilidade de Tonho querer amansar a prima, mas supõe que seria salvo com a presença de Firma que não permitiria que seu marido o fizesse. Por outro lado, reflete sobre as dificuldades, porque apesar de Maria Moura ser nova, bonitinha e peitinhos empinados, segundo Irineu: “Ela tem um jeito de encarar que parece homem, olho duro e nariz para cima, igual mesmo a um cabra macho”⁹⁶. Mas os planos dele seria sua investida após seu irmão Tonho assustá-la com uma arma. Dominando a prima, leva-a em seu cavalo alazão, imagina o rapaz.

7- O Tonho

Tonho e seu irmão Irineu, quando chegam a Vargem da Cruz, são recebidos pelo delegado que os aconselha a não pensarem em violência e combinara mandar uma intimação pelo Cabo Sena e um soldado para entregar Maria Moura sugerindo comparecer à delegacia. Enquanto isso os primos poderiam ocupar o Limoeiro, como eles também são herdeiros teriam seus direitos. Maria Moura morava apenas com duas agregadas, dois idosos e o pacato João Rufo.

⁹⁶ Ibid., 50

Os primos voltaram para as Marias Pretas. Irineu já fazia planos de se casar com sua prima e morar no Limoeiro, já Tonho pensava: “Fica esperando, seu besta, que eu vou lá te entregar tudo de mão beijada! Pois sim!”⁹⁷. Tonho também fez questão de florear os fatos para contar à Firma, para que ela não achasse que eles eram covardes. O plano não ocorrera como planejado e a prima botou o Cabo e Soldado para fora. O Cabo dizia que Maria Moura era uma “piranha de valente” e que ela queria até rasgar a intimidação. Todos mostravam-se bem receosos, porém Tonho e Irineu esperam apenas três dias para que a prima achasse que os teria assustado e preparam as armas e mandaram os cabras ajudá-los a sequestrar Maria Moura e invadir a casa.

Na tentativa de invasão na casa de Moura, dois dos cabras de Irineu e Tonho foram atingidos, num intenso tiroteio que se instalava. Com a finalidade de poupar munição os primos atiravam pouco e esperam o momento do corpo a corpo, quando achavam que decidiriam essa guerra pela herança, porém foram quase atingidos. Eles não imaginavam tamanha resistência de Maria Moura e que ela pudesse contar com a força de homens, munição farta e ainda dois bacamartes.

8- Maria Moura

Maria Moura dispunha de Zé Soldado, Maninho, Alípio, Eliseu e Chico Anum como seguranças. Havia também João Rufo, porém ela preferia poupá-lo, pois era seu “cão de guarda”, “respeitoso, calado e obediente”.

Uma das preocupações de Maria Moura era com a munição, e dizia que cercada como estava em sua casa, acabada a pólvora, acabado o chumbo da reserva, não tinha onde arranjar mais. Sentindo-se encurralada e com vontade

⁹⁷ Ibid., 54.

de ir embora do Limoeiro, local onde nasceu e cresceu, lembra-se quando criança, saía pela mata com os moleques matando passarinho de baladeira, pescando piaba no açudinho, usando como puçá o pano da saia. Contudo, depois de adulta quase não saía de casa. E ao ver a casa cercada pelo “bando” dos primos, todos armados, concluiu que havia chegado a hora de sair pelo mundo protegida pelos seus “cabras”.

Maria Moura entrega à Chiquinha os objetos que herdara da mãe, um copo de vidro fino, uma faca e uma colher de prata e a santinha de sua Mãe, além de três lençóis bordados, uma toalha de mesa e uma peça de renda. Depois ela se prepara para a partida, pega todo o dinheiro que restara (doze patacas de prata, um dobrão de ouro), e coloca tudo no “papo-de-ema”. A cangaceira veste o casaco que fora de seu pai para cobrir o volume do “papo-de-ema” amarrado em sua cintura. Entrega a João Rufo as moedas de cobre para os possíveis gastos no caminho.

Antes da partida, espalha pelos cantos da casa uns canudos de pólvora que João Rufo havia ajudado a preparar, derrama pelo chão e pelas paredes todo o pote de azeite de carrapato que se guardava para as candeias. Depois da saída de Chico Anum e do Velho Eliseu, foi a vez de Maria Moura sair da casa pelos fundos, mas antes ordenou João Rufo a jogar o que restara do azeite e em seguida espalhar tições de fogo, bem acesos, para que estourassem alternadamente, assim eles pensariam que eram tiros. Diz que havia colocado a tiracolo o saco de munição, chumbo e o polvarim de chifre, as pedras de isca e o artifício de fazer fogo.

Quando já estavam todos reunidos, Maria Moura e seu “bando”, no ponto de encontro, ao pé do juazeiro caído, ela ordena a saída e sugere muita atenção, pois se encontrassem qualquer animal alheio pegaria. Ela afirma que todos necessitavam de montaria uma vez que iam para muito longe.

9- O Tonho

Ao ver o fogo tomando conta da casa, Tonho estranha que não havia gritos de mulheres. Mas os tiros continuavam, ele até pensou: “Meu Deus, o diacho da mulher teria mesmo pautá com o cão?”⁹⁸. O calor já era intenso e a casa velha feita de taipa queimava como se estivesse entupida de pólvora. E diz: “Pólvora! E eu então entendi. Os estampidos não podem ser tiro. Devem ser alguns cartuchos de pólvora que eles deixaram por lá”⁹⁹. Tonho conclui que sua prima e os capangas haviam fugido pelos fundos da casa. Os primos da cangaceira com seus companheiros ainda tentaram seguir para ver se os encontravam. Eles foram até o açude, uns pela direita e outros pela esquerda, mas não tiveram sucesso. Então concluíram que seria melhor chamar o delegado, dizer que somente ele (Tonho) e Irineu foram visitar a prima para fazer um acordo e quando chegaram, a casa já estava em chamas. Enquanto isso os outros “cabras” deles voltariam para as Marias Pretas.

10- Marialva

Marialva começa relatando que os irmãos, Tonho e Irineu, saíram cedo e que boa coisa eles não iriam fazer, principalmente porque levaram os “cabras” armados.

⁹⁸ Ibid., 67.

⁹⁹ Ibid.

Ela diz odiar seu irmão, O Tonho, diz ela, lembrando-se de quando ainda era criança, ele cometia atrocidades com os periquitos. E diz: “E matava mesmo, eu vi o Tonho torcendo o pescoço de um periquitinho já emplumando”¹⁰⁰.

Segundo Marialva, os irmãos mantinham-na em degredo. Todos saíam e ela ficava sozinha naquele sítio. Ela relembra o dia em que conheceu Valentim, quando ele chega pedindo esmola, segundo ele, devido a uma promessa ao Senhor do Bonfim. Rubina questiona o que teria acontecido para pagar tal promessa, e Valentim conta sua história. Com sua família formava um grupo de saltimbancos. Ele continua dizendo que além de tocar rabeca era trapezista. Então ele explica que sofrera um acidente, caindo do trapézio, e sua mãe faz a promessa de que se ele sobrevivesse pediria esmola por um ano. Após receber a esmola, agradeceu e partiu.

11- Maria Moura

Maria Moura tinha planejado a defesa e incêndio na casa, mas tinha a vaga ideia do que faria, gostaria de tomar sua liberdade. Comenta que não doía tanto quanto pensava, pois seria hora de cumprir seu grande sonho e ir para suas terras na Serra dos Padres.

Maria Moura, em sua primeira noite, fugindo e dormindo no mato, mal clareava o dia já estava acordada e dividindo uma caneca de garapa quente com todos ali. João Rufo providenciou a água, já Zé Soldado tinha trazido uma banda de rapadura, todos consolavam sua fome, passando o copo de mão em mão. Os rapazes conseguiram matar alguns passarinhos a pedrada, servindo uma excelente refeição, até os ossos mais tostados foram estalados no dente.

¹⁰⁰ Ibid., 71.

Maria Moura então fala sobre seus planos, sobre as terras da Serra dos Padres, conta-lhes sobre as terras férteis, a madeira farta e sobre a lenda antiga das botijas carregadas de ouro. Os capangas animados, falavam até em guerra para defender o que era de Maria Moura, já que a última notícia foi de que as terras estavam ocupadas.

Com raiva, Maria Moura diz querer fazer guerra, com o pouco que tinha, o que não tinha arranjar, preveniu seus quatro capangas, dizendo que eles teriam que obedecer de olhos fechados, esquecerem que ela era uma mulher, ali estava como um homem, vestida com calça de homem e quem desobedecesse as suas ordens teria que pagar caro, muito caro, não teria nem tempo de se arrepender. Ela corta seus cabelos com uma faca bem amolada na altura de seu pescoço e afirma: “Agora se acabou a sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é a Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data sesmaria da Fidalga Brites, na Serra dos Padres”¹⁰¹.

Continuavam a viver em aventuras, evitando deixar rastros para que Tonho e seu irmão Irineu não os achassem. Não passavam fome nessa tal aventura, os rapazes faziam bodoque com cordões que conseguiam derrubar rolinha, nambus e até jacus. O restante de comida que faltava como sal, rapadura, farinha e sabão foram comprados num vilarejo chamado “Lagoa do Remendo”, onde Zé Soldado incumbido de tal ação roubara uma sela que encontrara na entrada da rua.

Maria Moura se queixava da solidão, pois nunca teve um irmão nem um companheiro da sua idade. Relata que a farinha se acabava e ressaltava a caça que se tornava farta, pois no meio do mato a espingarda poderia ser utilizada, porém teria que poupar a munição, pois a qualquer momento um mau encontro poderia surgir. Ela também se queixava do corpo moído, devido a marcha batida durante sua fuga.

¹⁰¹ Ibid., 84.

12- Marialva

Marialva relata que mais de um mês havia se passado e Valentim não voltara conforme prometera. A solidão corroía a donzela que afirmava que todos da sua família davam valor somente a terra. Tonho queixava-se com sua esposa por não terem filho que seria um herdeiro.

Tonho e Irineu contam que a casa do Limoeiro pegou fogo, e quando eles chegaram à casa de Maria Moura, ela já esperava para resistir. “-Pois quando chegamos lá, ela também já estava armada; nem se sabe quanto capanga era. Nos recebeu foi a tiro de bacamarte.”¹⁰²

Marialva esperava que Valentim voltasse para vê-la, mas ninguém mais comentava sobre o homem que pedia esmola. Até que aparece Duarte trazendo uma encomenda que um rapaz deixara para ela na cidade. O presente era um trapezista de brinquedo com os olhos verdes, como os de Valentim e de Marialva, e um coração com uma flecha no peito. Enquanto isso Tonho e Irineu continuavam procurando por Maria Moura, quase todos os dias iam à delegacia, porém não obtinha sucesso. Em meio às discussões entre Irineu, Tonho e firma, a donzela sentindo-se só corre para se consolar junto a sua almofada.

13- Beato Romano

O Beato Romano se lembra de quando era vigário da Vargem da Cruz. Ele fala sobre Dona Bela, cujo marido, Seu Anacleto, havia viajado, já passava de um ano, em busca de ouro. Ela vivia com a sogra e seu filho, e era uma frequentadora assídua da

¹⁰² Ibid., 93.

igreja e do confessionário. Em suas confissões, sempre se insinuava ao padre dizendo que amava e desejava um homem que não era seu marido, um homem que seria pecado mortal ela amar, mas ele não a olhava, pois se escondia atrás das grades.

O Padre, numa certa noite foi chamado às pressas para dar a Extrema Unção à Sinhá Velha. Ao chegar ao local, percebe que é a casa de Seu Anacleto. Depois da morte de Sinhá Velha, o Padre rezou e ao tentar ir embora foi abordado por Dona Bela, que se dizia feliz com a morte da sogra, pois ela teria liberdade, e por mais de uma vez tentou seduzir o Padre que conseguiu sair, mas antes de dormir pensara em Dona Bela. Imaginando-a em seus braços.

14- Maria Moura

Em suas andanças, Maria Moura sempre se queixava da solidão, da farinha que se acabava e ressaltava, mais uma vez que a caça se tornava farta, pois no meio do mato a espingarda poderia ser utilizada, porém teria que poupar a munição, pois a qualquer momento um mau encontro poderia surgir. Até que numa manhã encontraram um pequeno acampamento, tomaram distância e João Rufo, segundo Zé Soldado, parecia um sargento em campanha, pergunta para a chefe Maria Moura se eles poderiam atacar. Por solicitação de Maria Moura cobriram o rosto, pois ela não queria que descobrissem que um dos rapazes assaltantes se tratava de uma mulher.

Naquele momento já possuía uma rede, duas tipóias pequenas, sela, manta e rédea para todos os cavalos, além do Tirano, o cavalo de campo, o potro e dois cavalos. E em uma mula puseram seus mantimentos como rapadura, carne seca, farinha. Inquieta Maria Moura toma a decisão de reunir seus homens e decreta que daquele dia em diante, eles procurariam um canto para fazer o ponto de parada, um lugar onde pudessem sair e voltar sem correr riscos, teria que ser um lugar escondido e que tivesse água por perto.

Após quase três semanas encontram o lugar desejado, um rancho onde havia dois negros velhos: um homem, uma mulher e três crianças. Segundo Maria Moura, era espécie de um quilombola. Enquanto Maria Moura ouve a história daqueles velhos escravos fujões, elabora um plano para transformá-los em seus caseiros, pois ali seria a nova morada da cangaceira. Rapidamente a sinhazinha conquista-os oferecendo-lhes rapadura, feijão, farinha, sal e um bom plano para progredirem em seu espaço com plantações e criação de animais.

Maria Moura reflete sobre sua vida, anteriormente a mocinha vivia trancada em casa com as cunhãs lhe servindo tudo o que desejasse, preparando-lhe banho, lavando e passando sua roupa, agora levava uma vida de luta, enfrentamento, fuga, andando com aqueles homens em matos isolados. Com João Rufo, ela discute seus planos: “A minha idéia era ir levando cabras a se acostumarem na luta, porque da luta é que ia sair o nosso pão de cada dia”¹⁰³. Ela afirma querer força, fama e que todos soubessem quem seria Maria Moura.

Assim como planejado Maria Moura conseguiu cumprir o que prometera ao velho casal e se instalou naquele lugar distante de tudo e todos, porém aquilo só não lhe bastara. Havia planos maiores: “Quero que ninguém diga alto o nome de Maria Moura sem guardar respeito. E que ninguém fale com Maria Moura – seja fazendeiro, doutor ou padre, sem ser de chapéu na mão”¹⁰⁴.

Maria Moura planeja com seus homens assaltar comboios de carga e dinheiro em um vilarejo chamado Lagoa das Emas. Após comprar ferramenta, munição e uma cangalha, ela avisa que o dinheiro acabara e a partir daquele momento o dinheiro deveria vir de fora. Um mês após preparam-se para a primeira sortida, juntando três bacamartes e uma garrucha. E diz que bacamarte era bom, pois qualquer munição lhe

¹⁰³ Ibid., 121.

¹⁰⁴ Ibid., 125.

servia. Entretanto, o problema seria a pólvora que quanto mais longe da cidade mais cara e mais difícil seria.

15 - Marialva

Marialva recebe a visita de Valentim que propõe casamento ali mesmo na estribaria, porém ele sugere que eles fujam sem pedir a mão dela a ninguém. Prometeu-lhe que assim que conseguisse um animal melhor voltaria para pegá-la. Após cinco meses, Duarte, seu irmão bastardo, sugeriu que ela arrumasse as malas para fugir com o trapezista, pois Valentim encontrava-se à sua espera na Vila Vargem da Cruz. À noite, com a ajuda de Duarte, Marialva foge com Valentim em seu cavalo. Duarte exigiu que, para que a moça não ficasse falada, Valentim a levasse direto para a casa de um amigo dele, Jordão, para que ela passasse a noite lá, pois no dia seguinte, pela manhã o novo vigário da igreja celebraria o casamento.

16 - Maria Moura

Numa madrugada o bando seguiu montado e bem arreado, a caminho da Vila da Lagoa das Emas, avistaram um barracão de pouso, onde viajantes paravam para comer e descansar. Maria Moura manda seus capangas para o mato adentro enquanto ela se passa como “mocinha mofina”, João Rufo e Juco como pajem passam a noite no barracão onde ela conversa com o dono Juvêncio sobre os comboios de tropeiros trazendo carga de mantimentos e dinheiro. Esperaram a chegada dos tropeiros, eles jantarem e se acomodarem em seu sono para atacar e lhes roubar a carga trazida. E assim o fizeram.

Voltando para o lugar onde já considerava sua casa, no Socorro, as crianças, o velho Amaro e sua esposa Libânia festejavam e os recebiam com muita alegria. Após comer e festejar, Maria Moura fora descansar, mas ela ainda se sentia vazia por dentro, achava que fosse pelo esforço de comandar seus homens e até de parecer forte e não poder transparecer seu medo, não o medo da ação, mas o medo de não dar certo, de se arriscar demais e dar um passo em falso.

João Rufo cheio de cerimônia comunica Maria Moura sobre a necessidade dos rapazes sentirem falta de mulher, comenta que os meninos poderiam fugir pra a vila, o que seria arriscado. Porém, de repente apareceu na lagoa um “bando” de índias com grandes cabaças na cabeça para pegar água de uma antiga aldeia há três léguas dali. João Rufo comenta com Maria Moura que o problema dos homens estaria resolvido, graças às índias.

17 - O Beato Romano

Atormentado com seus pensamentos, o Beato diz não se comportar mais como um bom vigário. Ele ganha uma batina nova, e com isso doou a mais velha a uma viúva pobre. E ela alerta o padre, que o comentário na cidade era que a Dona Bela vivia no confessionário e que Iria, escrava da moça, dizia que o Senhor Vigário era louco pela Sinhazinha dela.

Em uma noite, quando o Padre já estava deitado, Dona Bela aparece. Ele não resiste aos seus encantos e torna seu amante. Para diminuir o sentimento de culpa pelo pecado, o Padre conta que dividiu-se em duas pessoas: o homem da noite e o homem do dia. E desse modo continuaram se encontrando às escondidas, até que em uma dessas noites Dona Bela confessa a sua gravidez e já havia planejado a saída para a fazenda Atalaia, engordaria um pouco, usaria roupas largas, e assim que a

criança nascesse colocaria à porta da casa de Dona Floripes, prima de sua mãe, mas a quem chamava de Tia Pite e que não poderia ter filhos. Tia Eufrásia, que considerava Seu Anacleto como filho, aparece na casa de Dona Bela, percebe que ela estava grávida e ameaça procurar o sobrinho pelas minas de Goiás e contar-lhe o fato.

Os encontros amorosos do Padre e Dona Bela com o auxílio de Onofre e Iria, continuaram, porém dois meses depois, quando o Padre se preparava para ir à Atalaia foi surpreendido pela visita de Simão, marido de Iria, dizendo que Anacleto, o marido de Isabel, voltara. O Padre pediu que lhe arrandassem um cavalo, e depois seguiu rapidamente em direção à fazenda. Lá chegando, encontra Dona Bela assassinada pelo marido que tenta matá-lo também. Livrando-se da morte, o Padre mata Anacleto. Iria e Simão ajudaram o Padre a se esconder em um forno de carvão, onde ficou por alguns dias.

18 - Maria Moura

Um recruta novo chega para o Bando de Maria Moura, um caboclo forte, com uns trinta anos, chega à casa de Amaro e Libânia, apresentado como um amigo antigo do Filho do casal. Roque chega cansado, com o seu braço machucado, armado, possuindo um bacamarte e faca lambedeira no cinto, o que assusta Maria Moura e também deixa-a intrigada sobre aquele homem.

Interrogando-o Maria Moura descobre que Roque havia fugido da Fazenda Coqueiros com Amaro, sua mulher e filhos. Após sua fuga, como gostava de atirar, trabalhou de guarda-costas de um padre, mas o padre depois de um tempo largou de ser vigário, mas recomendou Roque a um compadre metido em confusão de extrema de terra, quando levou um tiro no braço, Roque desmaiou e o homem deixou-o num mato, como cachorro, achando que ele estava morto.

Roque caminhou, pediu esmolas até chegar a Socorro. Libânia cuidou de seus ferimentos e Maria Moura pediu que construíssem um barraquinho para ele. Possuindo um bacamarte, munição e com facas, ele lhe seria muito útil, afirma a cangaceira. Tentaram até convencer seus escravos a fugirem, mas eles se negaram, pois poderiam ter famílias na senzala da fazenda. Porém, mal se mexiam, parecia que não tinham nada a ver com aquilo, não arriscariam a vida para defender seus donos.

Em casa, Maria Moura toma banho e enfeita-se toda com as jóias que havia roubado. A Velha Libânia dizia que a Sinhazinha parecia uma Santa, já Roque dizia que ela parecia mesmo era com São Jorge Guerreiro. Após dormir com todas aquelas jóias, Maria Moura lembra-se de pedir às índias que lhe fizesse uma vasilha de barro para guardá-las enterradas juntamente com o dinheiro. Conforme a cangaceira, quem tivesse ouro teria poder. E isso era o que ela almejava: possuir ouro para ter poder; as terras, o luxo; a força para mandar nas pessoas.

19 - O Beato Romano

O Padre, como fugitivo encontra-se numa fazenda e afirma ser a primeira morada desceite após o ocorrido em Atalaia. Ele era o “mestre-escola” ensinava os filhos do casal a ler, escrever e fazer contas. Certa vez um mascate, que frequentava Vargem da Cruz, passou na fazenda dos Nogueiras e o reconheceu. Dona Joaquina olhava, apavorada. O pai, o Major Honório, os meninos, não entendiam. Ele pede licença, retira-se dali e foge. Assim conta o Padre, Em meio as suas andanças chega à Casa Forte. “De então para diante minha vida se fez uma correria. E hoje na Casa Forte de Maria Moura, decaído de tudo, virado no Beato Romano, no meio dos fora-

da-lei, eu me acostumei a essa espécie de existência, porque a gente se acostuma a tudo.”¹⁰⁵ .

E ele continua contando os fatos ocorridos. Depois de sair da fazenda dos Nogueira, ele encontrou uma casinha, e uma velha deu comida e água a ele e a seu cavalo, Veneno. Ela também lhe falou da cidadezinha próxima, Bom Jesus das Almas. Na feira em Bom Jesus das Almas ele decide virar “escrivão”. Ao todo, no fim da feira, ele havia escrito oito cartas e seis contas de somar e cinco de dividir. Ao todo fatura trezentos réis. Não era um mau começo. E, principalmente, porque ele havia descoberto uma nova profissão.

20 - Maria Moura

Agora chegara a vez de sair a parrelha de Zé Soldado e Alípio e trazer novidades. A boa nova era que Irineu já estava à sua procura e oferecia até um agrado a quem contasse o paradeiro da moça que fora roubada por uns bandidos que até fogo atearam em sua casa e a levaram de Vargem da Cruz.

Maria Moura com raiva não dormira a noite pensando num jeito de se vingar do primo. Roque levaria um bilhete dizendo que uma pessoa o ensinaria onde encontrar a moça, mas ele só deveria mostrar o lugar depois que recebesse a gratificação prometida. Moura escreveu o bilhete, o papel foi arrancado de um caderno velho onde sua mãe havia escrito o seu nome, o do Pai, o nome dos pais deles, o dia em que se casaram e o dia em que Maria nasceu, com seu nome e sobrenome. Era o único documento que ela possuía. As escrituras do sítio e seu batistério ficaram com um escrivão que tratava do inventário de seu pai e sua mãe. Porém, o plano que Moura havia armado para Irineu não ocorreu como planejou, Irineu deu-lhe um bote com a

¹⁰⁵ Ibid., 187.

mão direita, segurou-lhe o pulso, puxou-a contra seu corpo e com a mão esquerda colocou um punhal abaixo do queixo. Seus “homens” sem ação, só fizeram cuidar de Dona Moura, após ela ter fincado suas unhas na cara de Irineu que fugira deixando-a machucada, com o pescoço sangrando. Ela dizia que Irineu era o seu pretendente eterno.

Apesar da raiva que Moura sentia, ela também ficou intrigada, descobriu nos dias em que estava doente o quanto sentia falta de um companheiro e confessou que no momento em que Irineu apertou-a contra seu corpo, ela permitiu, dizia que ele era lavado e tinha um cheiro bom e ainda, na mesma hora em que encostou sua cara na dela e a feriu, ela sentia as pontas da barba dele rasparem em seu rosto.

Maria Moura queria um homem de verdade, pois meninos não lhe serviriam. Ela não foi criada considerando caboclo como homem. E dizia que gostava de ser a senhora deles para comandar e estar em primeiro lugar. Sentia-se bem, montada na sela, do alto do seu cavalo, rodeada dos seus cabras; seu coração parecia crescer, dentro do peito. Mas, por outro lado, também queria ter um homem exigente, seguindo com um olho cobiçoso, com ciúme dela, como se ela fosse coisa dele. Assim descreve a cangaceira.

21- O Beato Romano

O Padre/Beato Romano conta que morou um ano e um mês em Bom Jesus das Almas. E para evitar sair da pensão de Siá Mena, evitar festas, inventou uma doença no fígado. Relata que as festas de pessoas de maior poder aquisitivo havia até mesmo “foguetório”, e a pólvora custava muito caro.

Conta o Beato que o homem mais rico da cidade emprestou-lhe *Os Lusíadas*, que pertencia ao filho quando era seminarista.

Certo dia ele estava lendo em seu quarto, quando ouviu uma voz de homem perguntar por um rapaz que escrevia cartas, pois ele precisaria de uma carta com urgência e se ele poderia o atender ali. O homem era Julião Tropeiro, que morava na Vargem da Cruz e reconheceu o Padre José Maria. O Padre então, conta o que ocorreu naquela fatídica noite. E Julião diz que em Vargem da Cruz, apesar de muitos o odiarem, ainda havia muitas pessoas que gostavam dele. Contou também que Dona Eufrásia ofereceu até mesmo um prêmio de um conto de réis para quem o capturasse, vivo ou morto, o “Padre das três mortes”. Então continuaram a escrever a carta: “Os couros aqui andam caro, não é mais o preço do ano atrasado que eles cobravam. Mas também eu subi o preço da faria e a rapadura e ficou uma coisa pela outra...”¹⁰⁶. Ao final Julião disse que voltaria em outra ocasião para conversar mais, pelo menos uma vez por ano ele passava por aquela região. Porém, afirma o Padre que seguiria estrada.

22 - Marialva

Em lua-de-mel, Marialva e Valentim prossegue viagem. Valentim combinara de se encontrar com a família, porém, a esposa revela-se insegura com o encontro. Imagina o que a família de Valentim pensaria de uma moça que é capaz de largar a família e se atirar nas estradas do mundo, na garupa do cavalo do namorado. Marialva junta-se aos saltimbancos e passa por diversos lugares com o seu amado e a família. Ao conhecer os pais de Valentim, Marialva inicialmente simpatizou-se mais com o sogro do que com a sogra.

¹⁰⁶ Ibid., 210.

No dia seguinte começaram os ensaios e quinze dias depois Marialva pode ver o amado vestido como trapezista, momento que tanto havia idealizado. O trapezista em seus trajes seria para a donzela como se fosse um príncipe. Era bonito demais, afirma a moça. Valentim comprara um jogo de 24 facas de um homem que fazia o arremesso de facas, pois ele procurava uma nova atração, devido a aparelhagem insegura do trapézio. O próprio atirador ensinara-lhe e desde então, treinara todos os dias o arremesso de facas. Para o treinamento, Valentim riscava com carvão o contorno de Marialva.

Em um espetáculo na cidade de Santa Luzia, o tio Joaquim Manuel, que nos espetáculos era conhecido como Hercules, morreu durante a apresentação. Depois desse dia, diante da tristeza do marido, Marialva se oferece para ser o alvo do arremesso de facas.

23 - Maria Moura

Chegado o momento de Maria Moura seguir em grande viagem à busca do seu destino, daquilo que lhe pertencia, isto é, a terra da Serra dos Padres. Juntou todo seu armamento e os inspecionou. A viagem não devia ser longa, logo voltariam à fazenda, mas enquanto isso os velhos, Juco e os pequenos cuidariam da fazenda. Em suas lembranças vem a ideia de um marido para satisfazer seu coração. Em seus sonhos de menina, ela esperava que seu noivo chegasse todo vestido de branco, com bigode louro como o de seu pai, montado em um alazão. Mas agora teria que pensar em suas terras da Serra dos Padres e quem sabe seu cavalheiro não aparecia.

Maria Moura arrumou-se toda, com o maior capricho, pois desta vez não se tratava de enfrentar luta, brigar, ela só estava querendo conhecer seu terreno, ver se ainda estava ocupado ou não, pisar na terra e avaliar os recursos.

Por onde passavam só viam miséria. Por três vezes encontraram sinal de pessoas, em uma delas encontraram somente crianças, uma menina com uns dez anos de idade, pouco vestida e mais três meninos nus. Eles entraram rapidamente e se trancaram na casa, quando avisaram que estavam em paz, a menina respondeu que o pai e a mãe estavam longe, no roçado velho e eles poderiam seguir caminho.

Maria Moura avistou o terreno e nele encontrava-se uma casa, sinal de moradia. Ao procurar o dono da casa, aparecem um menino nu e uma mulher branca suja, vestindo uma espécie de camisola solta, muita suja. Cumprimentaram-se, Maria Moura pediu licença para que ela e seus rapazes pudessem “arranchar” ali, tirar os arreios dos cavalos e armar as redes. A senhora Jovelina concordou. A cangaceira disse-lhe que era neta dos donos daquela terra, mas Jove, viúva (o marido foi caçar e não voltou) parecia não se espantar e conta que seu pai falara sobre um homem que dissera ser dono da metade daquela terra. João Rufo recomenda Dona Moura ir ao cartório em Vargem da Cruz procurar as escrituras velhas de seu avô. Começam ali novos planos, construir a Casa Forte.

Maria Moura propõe ao Mestre Luca, um senhor que morava naquele lugar havia alguns anos, que continuasse, explica-lhe, as vantagens de se ter segurança. Entretanto, solicita sua ajuda na construção do telhado de seu condado, já que ele entendida do assunto.

24 - O Beato Romano

Depois do aparecimento de Julião, o Beato Romano relembra toda sua saga desde que saiu de Vargem da Cruz, do casal jovem que o acolheu, o povoado que passou em seguida, Cipó Vermelho, onde ajudou nas obras da construção da igreja. Foi bem recebido por Seu Dão e Dona Mocinha, que o acharam parecido com o filho

falecido, ela até cuidou dos seus ferimentos. Um dia chegou uma carta para Seu Dão, que o pediu para ler em voz alta. A carta dizia que o vigário da cidade vizinha qualquer dia iria visitar para ver como estavam as obras da igreja. Esse fato deixou o ex-Padre apavorado. E se o vigário o reconhecesse, soubesse da história dele, ou ainda fosse um “Padre decaído” que o fizesse tornar ainda mais pecador?

Quinze dias depois, O Padre/Beato Romano decidiu ir embora. Dona Mocinha foi ao quarto do finado filho, abriu o baú, tirou de lá um “fato” completo, não seria novo, mas parecia. Serviu bem nele, embora um pouco folgado. As botas não serviram, eram grandes demais. Apesar das semelhanças alegadas pelos velhos, o Tião era bem maior do que o Beato. Ele foi para a cidade de Japuri. Honório procurava um professor e o contrata para ensinar aos rapazes na fazenda dos Nogueira.

25 - Maria Moura

A volta para Serra dos Padres parece ter sido muito melhor do que a ida, dizia Maria Moura. Lembraram-se do caminho, a comida, em princípio, era só caça. Pescaria até poderia ter, mas eles não poderiam perder tempo armando linha e anzol.

No terceiro dia, a caminho da fazenda, Maria Moura e seus jagunços encontram-se com outro bando carregado com uns sarrões de palha. Descobrimo que carregavam farinha tomam-lhe um dos seus sarrões, um dos maiores, é claro. Um dos tropeiros demonstrava raiva e gostaria de atacar, mais estavam em menos pessoas e portavam apenas facas, já o bando de Maria Moura mostrava-lhes seu bacamarte.

Mas antes que o bando de tropeiros perdesse de vista, Dona Moura pregou-lhes um sermão dizendo que não queria perversidade, sugerindo que seus capangas tomassem apenas a farinha sem maltratá-los. A imposição poderia ocorrer, pois medo leva ao respeito, porém raiva cria desejo de vingança.

Roque, passando-se como um Sargento da Tropa de Maria Moura, ensinou aos rapazes como deveriam dormir, não mais em redes, dizia ele que rede era um atraso de vida, no chão a arma poderia ficar ao alcance das mãos, já que na rede isso não acontecia, pois ela escorregava durante o sono. Outra vantagem era que em uma situação de perigo, o cabra poderia levantar-se rapidamente, dar um pulo e ficar de pé.

Maria Moura observava, aprendia e com precauções pensava: “O Roque era escolado e nós um bando de aprendiz xucro. Mas assim mesmo eu precisava ficar de olho aberto com o Roque; ele era adiantado demais pro meu gosto” ¹⁰⁷. Os cuidados para não dar liberdade a seus rapazes eram evidentes, não dava e nem os deixava terem liberdade, não consentia que eles a chamassem de Sinhá. Ela dizia que isso é coisa de cativo, e todos deveriam chamá-la por Dona, ou Dona Moura. Na volta encontra um acampamento e engaja-se novamente num novo roubo bem sucedido. Segue levando para a fazenda um saquinho de couro, propriedade do Governo Imperial, cheio de pedras preciosas e pepitas de ouro.

No caminho, Moura faz planos para quando chegar em Socorro enterrar aquele saco em seu quarto da fazenda, dentro de uma botija, onde já escondia os outros ouros, debaixo do chão limpo e socado, bem oculta. Na casa da Serra dos Padres faria o cofre definitivo assim que a casa ficasse pronta.

Libânia, o velho Amaro, Juco e as crianças, os receberam com muita alegria e quase choraram quando viram os surrões e sentiram o cheiro de farinha, pois desde que chegaram ali, só comiam farinha de “caco” que Libânia fazia. À noite, depois que todos dormiam, Maria Moura deixou a candeia acesa, pegou o terçado, cavou com ele um buraco na terra batida de seu quarto, encontrando e retirando sua botija. Retirou-a do buraco onde encontrara como havia deixado seu ouro. Ela ficou ajoelhada no chão apreciando o ouro e derramou também o que estava no saquinho.

¹⁰⁷ Ibid., 260

Ficou por muito tempo passando entre os dedos, seu ouro e suas pedras, dizendo: “Com ouro se compra terra, gado, armamento; com ouro se compra boa vontade, até amizade; com ouro se paga missa, se faz igreja”¹⁰⁸.

Maria Moura não sabia quantas horas ficaria ali, embelezada com sua semente de riqueza, mas de repente ficou com medo que amanhecesse e alguém a pegasse com todo aquele ouro, então devolveu tudo na botija, tampou bem e enterrou seu tesouro novamente.

Mas quando ia se deitar teve outra ideia, pegou outra botija que ganhara das índias ainda vazia, encheu pela metade de terra, pegou o saquinho do funcionário imperial e encheu de pedrinhas miúdas, amarrou bem com um nó cego e chamou João Rufo para enterrar aquele falso tesouro, ou seja, as botijas embaixo do juazeiro grande.

Maria Moura não ficava parada e já planejava um assalto a um armazém ou loja de Camiranga . Queria assaltar uma fazenda para pegar ferros no depósito de materiais e ferramenta que toda fazenda havia de ter, porém para qualquer uma das propostas era necessária muita preparação para não escapar-lhe nada.

Roque afirmou que não tinha nada para roubar em Camiranga, mas ele sabia de uma fazenda que não ficava perto. Essa fazenda se chamava Pau Ferrado, o povo dizia que seu dono era o homem mais rico daquele sertão, era chamado de Capitão Tertuliano.

Maria Moura tinha um novo plano, roubar os ferros e o Mestre Quixó, pedreiro da fazenda. O plano teria que ser realizado discretamente, deveria levar suas armas, mas era recomendado que tivessem um cuidado constante. Só as usariam se estivessem acuados, devendo chegar em silêncio, no escuro para não serem vistos.

¹⁰⁸ Ibid., 265

João Rufo ficou aborrecido por não participar de mais uma estripulia de Maria Moura, mas ela desejava que ele ficasse, pois João era muito prudente e havia coisas que só deveriam ser feitas por quem não batia bem da cabeça, dizia a cangaceira.

Seus homens chegaram radiantes, trazendo tudo, inclusive o Mestre Quixó, que veio amarrado, a contra gosto. Mas Maria fez-lhe o convite para ser mestre de obras de sua Casa Forte a ser construída na Serra dos Padres e pediu a Libânia que cuidasse bem dele. Roque fazia propaganda e promessas grandes demais ao homem. Maria Moura escutava, mas não desmentia, mas reconhecia que deveria trazer Roque em rédea curta e João Rufo a ajudaria nessa função.

Já era o dia de partir para sua grande morada, para tanto, Maria Moura se encarregou de desenterrar sua botija, retirar o que tinha dentro, fazer uma trouxa e colocar dentro de um saco para levar com ela. Teria que enterrar a botija de novo para que ninguém desconfiasse de nada.

26 - O Beato Romano

O Beato Romano partiu da pensão de Siá Mena com destino a um povoado chamado “Bruxa”. Lá chegando encontrou umas crianças brincando, todas brancas, e foi chamado por Seu Franco para ser professor no povoado. O professor foi apresentado por Seu Franco, porém não foi bem aceito inicialmente, pois a professora anterior era muito severa e castigava as crianças com a palmatória. A ideia foi aceita depois que o professor explica que ele não tinha palmatória e com a promessa de Franco, que as crianças só iriam para o roçado à tarde.

No dia seguinte, “Mestre Zé”, alguns dos futuros alunos e Seu Franco foram arrumar a escola para as aulas. As aulas começaram no dia 3 de julho e além de ensinar na sala de aula, “Inventei um sistema de ensino, ao ar livre, que agradou mais

do que trancar a meninada na sala de aula, cochilando em cima da carta de ABC”.¹⁰⁹ E as crianças começaram a gostar das aulas. Em um final de tarde, quando acaba a aula, Seu Franco o convida para ir a casa dele, e mostrou-lhe a “herança do avô”. Nesse dia O ex-Padre descobriu que a fazenda se chamava Prússia, e não Bruxa, como era conhecida. E que o avô de Franco, Franz Wirtzbick, era do reino da Prússia, e que os nomes eram alemães.

27 - Marialva

Marialva após três anos de casada fica grávida. O menino, em homenagem ao avô materno, recebe o nome de Alexandre, e apelidado de Xandó. Sua sogra, Dona Aldenora, começa a beber junto com o marido e logo fica doente e morre. Seu Tônico sofreu muito com a morte da esposa e passa a beber ainda mais, entretanto, logo conheceu uma viúva com quem foi morar. A vida para Valentim e Marialva não estava fácil, mas em uma parada encontrou com grupos de tropeiros, um deles reconheceu Valentim e sabendo-se que eles procuravam trabalho, improvisaram um espetáculo. No dia seguinte, Marialva perguntou se algum dos tropeiros passaria perto de Vargem da Cruz, diante da resposta afirmativa, resolveu escrever uma carta para Duarte, na qual conta toda a história. Ela gostaria que ele fosse padrinho de Xandó, e fala também das dificuldades enfrentadas, principalmente por causa da criança.

28 - Maria Moura

“Foi duro e foi devagar. Mas agora estava eu no alpendre da minha Casa Forte, olhando o mundo em redor: lá embaixo da várzea, lá em cima na

¹⁰⁹ Ibid., 281.

serra e, para os dois lados, as perambeiras do pé do morro”¹¹⁰. Com orgulho Maria Moura descreve sua Casa Forte.

Maria Moura Fazia tudo como planejava e decidiu que teria que descobrir uma renda para cobrir tanta despesa. Sua primeira ninhada, assim chamava seus rapazes, não tinha experiência e os costumes de quem fazia a vida na luta, então com a popularidade de Maria Moura e sua Casa Forte suas parselhas foram crescendo, de dois para quatro, cinco, “de cabras feitos na arte” sempre traziam qualquer coisa, arreios, animais e somente uma vez um anel de pedra.

Certa vez apareceu um mulato metido a besta, propondo 'sociedade' com o seu grupo. O homem entrou em seu alpendre e nem sequer tirou seu chapéu. Maria Moura o expulsou rapidamente. Ele tenta armar uma emboscada para os homens de Moura, mas estes foram avisados por uma “rapariga”, amiga dos rapazes e descarregaram seus bacamartes em cima deles, somente um correu, um caiu morto e três ficaram feridos. De uns tiveram pena, outros ninguém teve dó, ficaram inutilizáveis, pois o tiro de bacamarte é capaz de fazer um grande estrago, mas mesmo para quem vive de ganho na estrada como era o caso deles teria que poupar os vizinhos conhecidos, só não se poupava inimigos declarados, como os primos Irineu e Tonho.

Maria Moura conta que era importante que a respeitassem, que o povo tivesse fé na mulher de palavra que era ela. Já possuía grandes posses, casa pronta, gado no campo, as terras de Serra dos Padres garantidas, mesmo sem

¹¹⁰ Ibid., 293.

escritura, que sabia onde estava. Além de seu ouro enterrado e sua cabroeira de confiança.

Quando já estava quase no fim da construção de sua Casa Forte, chega Duarte, segundo Maria Moura, caiu do céu e o descreve dizendo que além de tudo era inteligente, sabia ler, escrever e até fazer conta, coisa que seus irmãos não sabiam. Triste e ressabiado, Duarte conta a Maria Moura como começou seu desmantelo. Conta que tudo começou quando Marialva inicia seu namoro com um trapezista, tocador de rabeca, não era vagabundo, trabalhava com os pais e o tio, formando um grupo de Saltimbancos.

Já Marialva vivia presa, sem poder sair de casa. Os irmãos e principalmente Firma tinham medo que Marialva se casasse e exigisse a partilha da herança dos pais. Duarte morria de pena e incentivava o namoro, que também ajudou na fuga, já que Marialva era perseguida pelos de casa. Tonho tenta matá-lo e Firma com um tiro de bacamarte também tenta acabar com sua vida, escorraçando-o de casa e ainda apronta uma maldade com Rubina, trancando-a no armário. Duarte levou sua mãe para o mesmo lugar que levará Marialva, na casa do amigo Seu Jordão. Desesperado, depois de muitas tentativas de trabalho na sociedade, Duarte oferece sua força de trabalho na Casa Forte. Segundo ele, escutara a conversa de um homem falando sobre Dona Moura e de seu poder conquistado e imaginou que ela o aceitaria para ser vaqueiro nem que fosse de bodes.

Maria Moura não o queria como seu cabra de serviço ou vaqueiro e como João Rufo já estava velho cansado e resmungão, ela o convidou para ser

seu feitor, oferecendo-lhe até salário e chamando Rubina para que ajudasse a colocar ordem na casa.

Depois de conversar com João Rufo e contar as novidades aos seus rapazes, comemoraram. Maria Moura retirou-se do local e foi até o alpendre sentar-se em sua rede. Com a presença de Duarte, Moura pergunta sobre o Limoeiro após o incêndio. Ele conta que até bruxa Firma mandou atrás de Moura para enfeitiçá-la e que sua mãe, Rubina dizia que rezaria para livrar a alma da sinhazinha de todos os perigos e que ela chegasse a seu destino em paz, e sempre dizia que Maria Moura é a melhor cabeça da família.

Com ajuda de Duarte terminaram a construção da casa, acabamentos, pinturas, prateleiras, tudo sob seus cuidados. Já os móveis, como cama, mesa de jantar, cadeiras, baús de guardar roupa e redes, foi o próprio mestre Quixó quem fez. Duarte auxilia Maria Moura a realizar seu sonho. Quando Maria Moura era criança seu pai contava-lhe sobre um “cubico” que existia na casa de seu avô. Este servia para esconder alguém ou guardar algum prisioneiro, porém tinha que ser bem planejado e disfarçado, para que ninguém desconfiasse. Seu pai desenhou para que ela visse e assim ela conservou o papel, assim como muitos deles que lhe traziam lembranças de sua família.

Maria Moura acabou inventando outra função para o “cubico”, foi de cofre, que discretamente foi construído. Somente João Rufo, Duarte e Moura sabiam da sua existência. O “cubico” só foi utilizado uma vez, quando um amigo lhe pediu ajuda para se esconder, mas tiveram todo o cuidado de vendá-lo para que ele não soubesse onde estavam sendo escondido.

29 - O Beato Romano

Beato Romano prossegue sua missão de educador, permanecendo em “Bruxa” por mais de dois anos, alfabetizando as crianças que, segundo ele, eram pagãs “Às vezes me parecia que eu tinha naufragado numa ilha deserta, no meio de carinhosos selvagens, pagãos” ¹¹¹. Foi assim que definiu o lugar, pois naquele local ninguém era batizado. Ele se propôs a batizar quem desejasse ser batizado. Ele estava cansado daquela vida, e queria voltar à Vargem da Cruz. Então quando chegaram as férias de junho ele decidiu fazer a viagem. Passou em Bom Jesus para ver Dona Mena. Seguiu viagem e parou em um rancho de beira de estrada, aproximadamente duas léguas de distância de Vargem da Cruz. No dia seguinte, ainda escuro, ele saiu em direção à Fazenda Atalaia. Lá chegando, conversa com Iria que lhe conta as novidades, ressaltando o incêndio no Limoeiro, provocado por Maria Moura. Conta também sobre as duas mortes: a do padrasto dela, amante de sua mãe e a de um rapaz que disseram que estava querendo entrar em seu quarto. Sobre o incêndio, Iria afirma não saber a causa, imaginando ser por causa de herança com uns primos dela, os donos das Marias Pretas; só se sabia que atacaram a casa da moça, no sítio do Limoeiro e puseram cerco. A moça tacou fogo na casa só para não se entregar. Em princípio se pensou que ela havia morrido, queimada no fogo, mas não encontraram esqueleto nenhum lá dentro. Depois se soube que ela havia fugido com seus capangas. À frente, seguia o João Rufo. Parece que Maria Moura arranjou outro terreno, formou um bando armado, e andava fazendo estripulia, assaltando viajante pelas estradas. Pelo menos era o que o primo dela, o Irineu, andava espalhando pelas bodegas.

¹¹¹ Ibid., 308.

Conta que ela quase o matou de tiro numa emboscada. Mas, o que se sabia era que Maria Moura tomou posse de umas terras que o avô possuía na Serra dos Padres; levantou uma casa fortificada e fazia medo a todo mundo. Dizia o povo que ela não só mandava de lá espalhar os cabras roubando quem encontrasse nas estradas, como ainda escondia criminoso perseguido na tal Casa Forte, como era chamada por parecer um quartel de soldados.

O Beato Romano espantado com a descrição lembra-se que era mesmo a moça da confissão que lhe dissera que mandaria matar o padrasto. Quando o Padre/Beato Romano se despedia de Iria, entra o feitor, que estava à sua procura. Ele deu um pontapé na garrucha do feitor e fugiu. Na fuga, seu cavalo Veneno, machucou a pata dianteira, mas, o Padre José Maria conseguiu chegar ao rancho, onde ficou por três dias até que o cavalo conseguisse andar. Dali partiu em direção à Serra dos Padres.

30 - Maria Moura

Maria Moura recorda a chegada do Padre/Beato Romano como fugitivo por cometer o assassinato. Relata Moura que o padre parecia uma assombração, pois estava pálido e chegara como um raio, portando uma espingardinha a tiracolo. Maria Moura sugere ao João Rufo descobrir quem seria aquele estranho. Assustada, ela acomoda o padre/beato e solicita à Rubina cuidados com sua roupa.

A presença do Beato Romano, segundo Maria Moura faz com que ela retome ao seu passado, lembrando do pecado que cometera pelo assassinato de Liberato, e a confissão que fizera ao Beato Romano.

Sobre seu casamento com Duarte, Maria Moura confessa ter horror a casamento, sobretudo pela submissão. Entretanto, para Duarte, dita as regras de quem manda é ela. “Um homem mandando em mim, imagine; logo eu acostumada desde anos a mandar em qualquer homem que me chegasse perto”¹¹². Assim ele tornou-se submisso a ela.

Num sábado à tarde chega à Casa Forte Antonio Muxió, um ex-vaqueiro que relata sobre a fama da cangaceira que ouvira quando ele ainda estava na prisão e se prontifica a trabalhar com Maria Moura. Esta, por sua vez, resolve garantir sua segurança e o contrata alegando que ali havia necessidade de mais segurança e por ele possuir armas, o contrataria. Maria Moura ressalta o moinho de pólvora e também sobre o material para se fabricar a pólvora, enfatizando o salitre que seria utilizado em maior quantidade. Para moer o material diz ter mandado retirar no mato três toras de pau d’arco para se cavar e fazer pilões e com a mão de pilão moía-se o produto, socando-o.

Há uma preocupação com o armazenamento da pólvora por ser um material explosivo tendo como sugestão um paiol isolado da casa com paredes duplas, bem reforçadas.

Mais uma vez Maria Moura afirma que Duarte e ela estavam muito entretidos com a ‘usina’ de pólvora e que havia chegado um comboieiro com um par de malas de couro de onde retirava sessenta libras de salitre, o suficiente para começar o fabrico. Conseguiram o enxofre e o carvão, segundo Maria Moura, já havia queimado a madeira, então não havia problema com o carvão. Confeccionaram a balança para pesar os produtos. Para medir a pólvora em menor quantidade utilizava-se um polvarim feito de chifre. Ela descreve: pólvora é como ouro que se mede por onça e por oitava. Duarte aprendera como embalar a pólvora em cartuchos. O que parecia

¹¹² Ibid., 324.

maluquice de Duarte transformou-se em força para Maria Moura, somente na Casa Forte havia moinho de pólvora. “Eu não precisava mais mandar chamar ninguém, dar-lhe a ideia de aventurar em alguma empresa mais atrevida, mandar espião meu descobrir alguma passagem anunciada de comboio do governo, com suprimento de pólvora pra quartel do interior”.¹¹³ Um fabricante de pólvora, segundo Maria Moura não devia criar atrito com o governo.

A fama da braveza de Maria Moura corria no entorno da Casa Forte. Ela afirma gostar da fama de valente, pois se sentia mais segura sabendo-se que o povo a temia e quanto ao Duarte ela diz: “Duarte é que às vezes fica meio ressabiado; afinal ele não nasceu com o poder na mão, antes pelo contrário”.¹¹⁴

No que se refere à qualidade da pólvora ela faz questão de mencionar que era sem mistura e de boa qualidade, comparando-a como “um dinheiro novo, saído da cunhagem”.¹¹⁵

31 - Maria Moura

Distante da Serra dos Padres, o Marinheiro Beltrão situou sua grande fazenda, chamada de Açude do Garrote, fazenda farta com plantação e criação. Certo dia chega à Casa Forte, um rapaz a mando de seu fazendeiro, chamado Tibúrcio do Garrote, trazendo um bilhete que Moura mal conseguia ler. No bilhete o autor pedia permissão para fazer-lhe uma visita. Maria Moura então lhe responde que teria gosto em recebê-lo e que ele poderia vir quando quisesse e até sozinho, como recomendado por Duarte, pois ali teria proteção porque a casa estaria garantida. E assina: *Maria Moura*, explicando que era

¹¹³ Ibid., 331.

¹¹⁴ Ibid., 333.

¹¹⁵ Ibid., 332.

usual colocar sua criada, porém ela não gostava disso, pois ela não era criada de ninguém.

Pouco mais de uma semana chegou seu Tibúrcio do Garrote com dois vaqueiros encourados, como se estivessem de saída para a Caatinga. Moura convidou-os para tomar café, porém somente um dos vaqueiros entrou em sua casa, era exatamente o filho de Tibúrcio para quem Maria Moura lhe faria um favor. Tibúrcio chegou cheio de delicadezas, trouxe cachaça, rapadura batida entre outras besteiras do engenho e pediu logo ao Duarte que mostrasse a fazenda ao seu filho, pois queria conversar em particular com Dona Moura.

Duarte levou o rapaz para conhecer a fábrica de pólvora, o que o deixou muito empolgado querendo também montar uma na fazenda de seu pai. Porém, Maria Moura não precisava de um concorrente e já vendia para o pessoal do Garrote.

O assunto em particular era um favor que ele veio lhe pedir. O caso era que seu filho tinha se metido com uma moça noiva e acabou roubando-a. O noivo e a família foram atrás dos dois e acabaram por alcançá-los e matarem a moça, mas Cirino, seu filho conseguiu fugir, quando eles se voltaram contra o assassino da moça. E o padrinho de Cirino informou que Maria Moura daria proteção às pessoas perseguidas e que ninguém se atrevia a vir atrás de quem estivesse sob seu poder.

Então como saída, pediu a Maria Moura que protegesse seu filho, em troca deu-lhe oito moedas de ouro como pagamento adiantado (se fosse necessário lhe daria mais) e prometeu que seu filho respeitaria as regras da casa, condição que Moura colocou para que ele ficasse na Casa Forte. As

acomodações de Cirino seriam na ala dos homens e ele jantaria na mesa com Duarte e Moura.

32 - Maria Moura

Cirino era todo cheio de luxo, estranhou a cama e pediu uma rede, sorte que ele era bem criado, não reclamava nada à Moura, falava com Rubina, mas ela encantada com sua beleza, fazia tudo que o rapaz pedia.

Duarte não gostava de Cirino, Maria Moura achava que era por ciúmes de sua mãe ou dela. Os dois continuavam com a amizade encoberta. Maria não queria assumir obrigação, como uma mulher casada, ela dava sinais a ele na hora da ceia apertando sua mão ou ombro, mas fazia isso apenas quando sentia saudade. No começo tinha medo de engravidar, mas depois tomou confiança.

Mas as coisas não estavam tão bem como parecia, Duarte recebeu uma carta de Marialva que passava por momentos difíceis, avisava que tio Hércules tinha morrido num acidente brutal em plena função e que sua sogra logo depois adoece e morre.

Uma notícia boa era que Marialva e Valentim tinham um filho, seu nome era Alexandre como o do avô, mas era chamado de Xandó e convidavam Duarte para ser Padrinho. Duarte então decidiu ir ao encontro de sua irmã, Moura deu-lhe dinheiro, a espingarda nova e bonita e mandou outra bolsinha para o afilhado de Duarte e disse que se ele não tivesse madrinha, ele queria ser. Duarte deixou tudo em ordem na fazenda, e avisou; “- Ninguém precisa

mexer com nada, na usina. Deixo guardada no paiol reserva bastante de pólvora para toda a freguesia. E só João Rufo tem as chaves”¹¹⁶.

33 - Marialva

Marialva recebe a visita de Duarte. Ele explica o que acontecera após sua fuga. Os irmãos e Firma o culpam pelo ocorrido, e fizeram ameaças de morte. Duarte conta que depois de tentar de tudo resolve se aventurar com a Moura, que possuía uma fazenda no pé da Serra dos Padres, casa pronta e rodeada de seus cabras. O casarão era aproximadamente quatro vezes maior que a casa que ela queimou no Limoeiro. Duarte disse que Rubina era a “dona das chaves” na Casa Forte. E completou dizendo que Moura queria que eles fossem morar lá também e que gostaria de ser madrinha de Xandó. Após dezenove dias de viagem eles chegam à Casa Forte. Maria Moura oferece terreno para construir uma casa separada para eles ficarem ainda mais a vontade e que pudessem criar melhor o filho. Como afirma a cangaceira, na Casa Forte o movimento era constante, gente armada, chega homem até no meio da noite, não é lugar de se criar um menino. Duarte complementa, afirmando que para construir uma casa não encontrariam dificuldades. No meio da conversa Marialva senta-se na rede, adormecendo.

34 - Maria Moura

À noite, na véspera da partida de Duarte, ele foi despedir-se de Maria Moura que o sentiu diferente, pois ele estava mais carinhoso, mais macio e também mais

¹¹⁶ Ibid., 345.

atrevido, lhe exigia certas liberdades que nunca tinha tomado antes e lhe beijava demorado. Ele que não era muito de beijar, acarinhava todo seu corpo e ainda pediu que ela deixasse a candeia acesa, e dizia que queria olhá-la bem. De certo modo parecia triste, algo natural diante da separação.

Na ausência de Cirino logo foi se comportando de maneira diferente, beijava-lhe a mão e dizia coisas na intenção de cotejá-la, ficou uma semana de galanteios, lhe deu presentes, como um lenço de seda e uma água de cheiro e pescava peixe especial para ela, porém Maria Moura o avisou que já estava prevenida. Mas quando completou uma semana da partida de Duarte, Cirino não apareceu para jantar, dizia Rubina que ele poderia estar mal do coração e que Moura deveria vê-lo.

Maria Moura disse a ela que o mocinho era adiantado e que talvez fosse melhor ela não aparecer, mas lembrando das palavras do pai de Cirino, dizendo que o menino não era bom de saúde, foi até o quarto dele onde ele a agarra com violência e ela não resistiu.

Disse Moura que seu gemido não era de dor, nem menos raiva, mas não sabia dizer o que era e em outro momento lhe retribuiu os beijos e abraços e começou tudo de novo. Quando o galo cantou, ela se levanta para ir embora e ele pediu para acompanhá-la, porém, ela disse que não queria que ninguém soubesse de nada do que acontecera e disse também que certa hora lhe dava sinal e reflete: “Será que, com ele, eu ia repetir tudo que fazia com Duarte?”¹¹⁷.

Ela pretendia resistir novamente para que ele não ficasse mal acostumado, mas o esperou preparada e cheirosa, vestida numa camisola dos tempos que ainda era sinhazinha. Rubina tinha percebido o romance e a olhava de forma enviesada, mas em contrapartida servia gemada e dizia: “-

¹¹⁷ Ibid., 359.

Esses meninos estão precisando de se fortalecer”¹¹⁸. Maria Moura não entendia sua posição, já que ela deveria saber do que se passava entre ela e Duarte, seu filho. “Então, por que me alcovitava com outro?”¹¹⁹

35 - O Beato Romano

O Beato Romano já estava se sentindo bem na Casa Forte, “De certa maneira singular me achava mais em casa do que em qualquer outro lugar, em minha vida”¹²⁰. Ele saiu para a mata, disse aos homens que iria capturar uns filhotes de papagaio que havia visto outro dia, mas na realidade ele foi montar uma espécie de altar, e depois rezou uma missa para ele mesmo. Passados tantos anos e ele ainda recordara todo o ritual sagrado. Quando retoma a Casa Forte, os rapazes questionam sobre os papagaios e ele responde que no ninho não havia mais nada. Era só invenção do Padre/ Beato Romano.

36 - Maria Moura

Cirino também teve que se ausentar. Ele fazia uma pequena viagem a pedido de seu pai que queria que Cirino assinasse o formal de partilha de sua mãe, morta havia dez anos e ainda nem tinha feito o inventário, vinham todo esse tempo se arrastando.

Maria Moura, com seus dois amantes ausentes sentia-se mais solta, então mandou Pagão selar seu cavalo e saiu galopando rumo à lagoa. Ela

¹¹⁸ Ibid., 360.

¹¹⁹ Ibid., 360.

¹²⁰ Ibid., 361.

andou pouco e já se encontrou com Beato Romano que tentava ensinar seus rapazes a ler.

Desde o dia em que o Padre chegou a Casa Forte, Moura não tinha se aproximado dele ainda, então o chamou para conversar. Maria Moura o questionou sobre ensino do catecismo aos seus rapazes e pediu para que ele não fosse longe demais, pois ela não gostaria que eles se convertessem e se tornassem todos penitentes seguindo o padre.

Moura Também informou ao padre que um homem deu dinheiro ao Pagão em troca de informações sobre um padre que ele procurava, mas Pagão tinha negado sua presença. Porém, isso já foi o bastante para que ele ficasse desesperado, falou que não tinha medo da morte, mas não gostaria de ficar fugindo, sendo perseguido o tempo todo. Foi então que Maria Moura lhe mostrou o Cubico. O que o deixou Beato bem mais aliviado.

37 - Maria Moura

Maria Moura à espera de Marialva recebe um bilhete de Duarte, avisando-a sobre um comprador de pólvora que estava a caminho para se abastecer com urgência. Logo também Cirino a avisou que iria até o Garrote para conversar com seu pai. Ela ficou assustada com a notícia e com o perigo que Cirino poderia correr. Maria Moura não queria um confronto dele com Duarte, já que um demonstrava a menor simpatia pelo outro. Ela mostrara-se confusa e preocupada, pensava em sua paixão por Cirino e seu bem querer com Duarte, ou seja, não queria perder nenhum dos dois.

Chega Marialva que observa o cabelo curto de Moura, e disse que ela ficava bem, que a rejuvenescia, mas não comentou a roupa de homem que ela usava, com Duarte o encontro foi natural ele a beijou a mão e perguntou como as coisas estavam.

Maria teve até a ideia de convidar o Beato para ceia, aproveitou ainda para perguntar se ele poderia batizar seu afilhado. Apesar da sua resistência, o Beato aceita realizar o batismo. No final da ceia Moura temia que Duarte lhe procurasse, mas como era discreto não lhe daria sinal, o sinal teria que partir dela. Ela notara a indiferença de Duarte e se preocupa, pois queria matar saudades, mas ao mesmo tempo imagina a volta de Cirino.

38 - Maria Moura

A casa de Marialva era construída depressa. No dia em que se levantou a cumeeira, fizeram até festa e Cirino retornou à fazenda. Ele até lhe convidou para dançar, mas, Moura nunca tinha sequer dançado em sua juventude e então tinha medo de fazer feio e recusou o convite. Antes que acabasse a dança, Maria Moura se retirou da festa e Cirino foi atrás. Abraçando-a e beijando-a no escuro caminham até o quarto de Moura. No almoço, Cirino todo expansivo, pergunta ao Duarte sobre Antônio Muxió, deixando Maria Moura intrigada com interesse de Cirino por Muxió.

No dia seguinte João Rufo chega com uma novidade para Maria Moura e lhe conta sobre uma grande briga que Cirino teve com seu pai, dizendo que foi por causa de herança. Cirino queria parte do dinheiro da mãe. Moura se preocupa com o fato do pai de Cirino não lhe pagar. Com a casa de Marialva

pronta festeja sua inauguração, dessa vez sem música e sem dança, apenas um almoço farto. Beato Romano foi convidado e abençoou a casa e seus novos moradores.

Maria Moura desconfiada pergunta ao Cirino o que ele estava aprontando, mas ele desconversa, porém, ela sabia que ele estava se juntando aos seus capangas e já havia se formado uma espécie de bandinho do Cirino. À noite iam caçar e Cirino sempre voltava para o seu quarto.

Duarte se afastava, mas cumpria com o seu trabalho sem alterações, afinal era seu feitor, mas ele não participava de suas 'correrias na estrada', nem ele, nem Rubina e nem o Beato Romano se envolviam com a vida da cangaceira.

Em uma manhã, Maria foi à casa de Marialva, lá encontrou Valentim a treinar com as facas numa madeira com um alvo pintado. Era o contorno de um corpo de mulher. Marialva estava entretida com feijão enquanto seu filho engatinhava pelo terreiro.

Cirino com a liberdade nas mãos, acompanhado de Muxió e outros de seu bando só queria saber de correrias e passava até uma semana fora. Nessas condições Maria Moura ameaçou colocá-lo para fora de sua casa. Mas ele respondeu que não precisava correr com ele porque ele já estava disposto a fazer uma viagem. Maria Moura mal conseguia fingir de forte, que não ligava para o comentário. Ele dizia que não podia viver sem ela, claro que era mentira. Na verdade era Maria Moura que estava apaixonada por ele, mas não tinha coragem de confessar a ninguém, nem mesmo ao Cirino. Ela sabia que com ele não teria futuro.

Em uma tarde de domingo seu Tibúrcio veio lhe visitar, mas o assunto não era mais sobre seu filho Cirino. Era sobre outro hóspede em sua casa. Tratava-se de Peba Preto. Tibúrcio contou-lhe sobre duas famílias intrigadas havia muito tempo, parte seriam os Mendes apelidados de Mel-com-terra, por serem sarará com o cabelo amarelo e do outro lado a família dos Nunes também apelidados de Seriemas. Havia casamentos entre as famílias, mas ainda existiam muitas brigas entre elas. E naqueles últimos anos começaram uma nova guerra. O chefe dos Mel-com-Terra, conhecido como Jovelino Bacamarte numa emboscada pegou dois filhos do chefe dos Seriemas. Um Sujeito até mais rico que ele, baixinho, escuro, Peba Preto, para vingar os filhos tacou fogo na vila de Águas Belas, onde reinava o homem chamado Bacamarte.

Como a fazenda de seu Tibúrcio, parente de Peba Preto, não tinha recursos para escondê-lo, ele veio pedir a Maria Moura que lhe escondesse, caso fosse necessário ele pagaria adiantado e depois Peba o pagaria. Mas recomendou que não contasse nada ao seu filho Cirino, por medida de segurança. Esconderia o homem junto ao Mestre Luca, como seria por um bom tempo que essa caçada deveria demorar, construíram um rancho provisório para o velho Luca e colocaram Peba Preto a morar com ele. Rubina se encarregava da comida. Eles inventaram que o velho estava meio adoentado, Zé pretinho ficaria para servir o Major Nunes, como Peba Preto gostava de ser chamado. Cirino retornava de viagem, mas ao cair à noite voltaria para o Garrote para a divisão do gado entre ele e seu pai.

Às dez horas, na batida do relógio de Moura, ouviu-se um alvoroço de cachorro latindo, depois o estampido de tiro lá da serra. Correram para os

lados de Luca, Duarte e seus homens de confiança. Porém Duarte demorou a retornar, Maria Moura e Pagão foram até a casa de Luca saber o que estava acontecendo. Mas Maria Moura encontrou apenas Zé Pretinho morto dentro da casa.

Ao chegar à Casa Forte, Duarte conta à Maria Moura que levaram Luca e Peba Preto, mas mataram Luca no caminho, não eram muitos homens, porém Duarte suspeitou que se tratavam de pessoa conhecida, Cirino, por ele conhecer o caminho, a matança de testemunhas e o rastro do cavalo ser igual ao dele. Além do sumiço de uma rede, que talvez Cirino tenha levado Peba Preto. Havia motivo de sobra para ser o Cirino, pois ele gostaria de dinheiro para viajar e não o possuía por ter brigado com seu pai e ficado sem o dinheiro da herança. Então teria feito um acordo com Bacamarte, por um bom valor entregar Peba Preto vivo.

No dia seguinte, os capangas de Maria Moura foram à procura de Cirino. Enquanto ela verificava suas armas, percebe a falta de dois bacamartes e uma faca que possivelmente Cirino teria roubado. Além da pólvora que só deram conta depois. Seus rapazes voltaram à noite, vasculharam tudo, mas não encontraram nada.

No terceiro dia quando Duarte procurava pistas, Novato chegou à noite no portão trazendo novidades, seu Cirino o tinha convidado juntamente com Muxió para o feito, mas se arrependeu e veio lhe contar. Contou que Cirino armou tudo e falou que tinha sido trabalho mandado por Dona Moura. Novato contou que quando Cirino foi ao encontro do caçador, saíram uns soldados da casa e quando entregava Peba, o Major Nunes, genro de Peba, mostrou-lhe o

rosto e falou que já tinha mandado seu Jovelino para delegacia, além do dinheiro que ele daria a Cirino. Enquanto cuidavam de Peba, Novato e Muxió fungiram. Muxió não voltou, pois sabia do segredo de Cirino com Bacamarte. Armaram-lhe uma arapuca e Cirino caiu direitinho. Maria Moura determina que Duarte fosse até a casa de seu Tibúrcio para relatar o que tinha ocorrido.

Maria Moura decidiu que tinha que se vingar daquele por quem ela era apaixonada, que lhe traiu, desonrando suas palavras e lhe desmoralizando. Quem tinha que lhe dar ensino era ela mesma e assim faria. “E agora era só preparar a viagem. Entre os homens, devo ter algum que conheça a cadeia do Sumidouro”¹²¹

Assim afirma Moura que ninguém poderia traí-la sem pagar depois e pagar muito caro. Alega que se encontrara de novo na mesma situação que começou com a morte de Liberato.

39 - O Beato Romano

O Beato Romano afirma que havia uma crise na fazenda e que Moura viera lhe procurar. Ele reflete sobre sua importância: “Terá sido a minha vinda para cá uma graça direta de Deus? A verdade é que, para mim, que antes não encontrei paz nem perdão, vivo hoje numa ilha de paz, depois que assumi a identidade do Beato”.¹²² Longe das tentações, pois mesmo como padre há os “sonhos atrevidos de poder, prestígio e santidade”¹²³ e na Casa Forte não poderia sonhar em ser cônego, monsenhor, bispo ou arcebispo. O mais longe

¹²¹ Ibid., 420

¹²² Ibid., 423.

¹²³ Ibid., 425.

que ele poderia alcançar seria ocupar, com o tamanho do seu corpo um espaço no cemitério da Casa Forte.

40 - Maria Moura

Mais um dia se inicia na Casa Forte, porém aquele não era um dia comum, “Mas hoje era diverso, o que era de ser natural parecia diferente; e só havia lugar na minha cabeça pra muita tristeza, muito medo e muita raiva”.¹²⁴

Maria Moura propõe a Antônio Muxió um acordo. Se ele a ajudasse em um plano para capturar Seu Cirino, uma vez que conhecia bem a vila do Sumidouro e até a cadeia, ela o libertaria. Moura, Duarte e Muxió planejaram tudo para entrar na cadeia e capturar Cirino, depois ela e mais quatro homens partiram em seus cavalos para realizar o plano. Ao chegar ao Sumidouro, Moura sugere que Roque, o mais experiente fizesse o reconhecimento da vila e descobrisse onde ficaria a cadeia. Logo começaram a executar o plano, o grupo se dividiu em dois, Moura e Roque foram pelos fundos, enquanto Duarte e Zé Soldado entrariam pela frente. Duarte entrou na sala e atacou, segurando o guarda pelas costas. Zé Soldado atacou o outro, os guardas rolaram no chão. Duarte deu um grande murro e o sujeito desabou no chão como uma jaca. Depois de renderem os guardas, encontraram Cirino que ao ver Maria Moura estende os braços. Ao chegar à Casa Forte colocaram Cirino no alçapão. À noite a cangaceira não conseguia dormir foi ao encontro de Cirino, deixa-o sair e “Foi um amor desesperado, furioso, que doía e machucava; amor de dois inimigos, se mordendo e se ferindo, como se quisessem que aquilo acabasse

¹²⁴ Ibid., 427.

em morte”¹²⁵. Moura pega a garrucha e obriga Cirino a voltar para o alçapão. Ela percebe que ele tem muito medo de morrer.

Depois de prendê-lo novamente no alçapão, Moura confusa reflete dizendo que havia mesmo que matar Cirino.

41 - Maria Moura

Maria Moura revela que o casal Valentim e Marialva parecia estar se dando muito bem na Casa Forte. Ela declara que o afilhado, Xandó, seria seu herdeiro universal. Depois relembra o que Valentim havia feito com o cachorro para salvar Marialva e propõe que ele mate Cirino para proteger essa herança. Valentim inicialmente hesita, mas depois aceita a proposta. Moura então liberta Cirino e quando ele sai da fazenda Valentim o chama e o acerta mortalmente arremessando sua faca.

Duarte continua com os demais planos, retirar a faca, levar o defunto até próximo a casa do pai e deixá-lo com um bilhete no bolso dizendo que quem faz traição paga por ela. O bilhete seria anônimo, assim o velho Tibúrcio poderia pensar que teriam sido os Seriemas ou mesmo o Bacamarte quem o matou.

42 - Maria Moura

Maria Moura declara-se doente e não sai do quarto. Valentim e Duarte evitam ao máximo qualquer contato com ela. Duarte passava boa parte do

¹²⁵ Ibid., 477.

tempo cuidando da fábrica de pólvora. Ele que dizia produzir pólvora tão boa quanto às importadas.

Duarte ordena Zé Soldado acompanhar discretamente o velho Tibúrcio para saber se o plano estava dando certo. E contou que Tibúrcio reuniu um grupo de homens armados cercando a casa do Peba Preto, porém esse o convenceu que nada tinha a ver com a morte de seu filho. Então ambos reuniram forças e armaram uma emboscada e, com três tiros, mataram o senhor Bacamarte.

Certo dia um homem estranho, cujo nome Francelino de Souza, aparece na Casa Forte a fim de comprar gado. Maria Moura estranhou, pois aquela não era a melhor época para comprar porque os gados ainda estavam magros. Então o homem explica que gostaria de comprar naquele momento porque logo viriam compradores com contrato para fornecimento de carne de charque, devido a uma guerra no Sul que diminuiu a produção, por isso compravam quase todos os gados e pagando a vista. Francelino sem muita certeza, explica as técnicas utilizadas nas charqueadas. Ele afirma que a carne seria salgada e prensada, parecia couro curtido e que o povo denominava de 'carne do Ceará', pois a maior parte provinha do Ceará.

A conversa com Seu Francelino despertou mais uma vez em Maria Moura o desejo de partir para outra aventura. Segundo ela, aquela conversa havia acordado a velha Maria Moura, ou ainda, uma Maria Moura nova, diferente de todas as Mouras passadas, capaz de se meter numa aventura louca.

A aventureira reúne-se em seu quarto, a portas fechadas com Duarte, para explicar-lhe o plano. E conta que não lembrara que Duarte não gostava de aventuras, nem de bacamarte, porém ele fabricava pólvora. Ele retruca dizendo que apenas tomava conta da usina, ela era dona. Maria Moura ordena Duarte assaltar os marchantes que viriam comprar gado em Piauí. Ele diz que seria uma loucura, pois os homens viriam em bando. Entretanto, ela insiste dizendo que também estariam em grande número. Convencido por Moura, Duarte sai na madrugada seguinte levando seu cunhado Valentim para sondar quando eles passariam por perto. Ela demonstra ansiedade, convoca os seus homens de serviço e faz um inventário das armas que estavam guardadas. Segundo a cangaceira, desde quando fugira do Limoeiro não descuidara das armas, preferindo as armas ao dinheiro, e afirma possuir um arsenal. Enquanto Duarte se mantinha fora, ela e seus capangas cuidaram das armas e das munições. Zé Soldado até fez uma brincadeira dizendo que parecia que iriam guerrear com os soldados do rei.

Com a chegada de Duarte, ela alegra-se com a notícia, pois ele havia sondado o local e já sabia quando os marchantes chegariam. Maria Moura calcula o tempo que gastaria para chegar ao lugar desejado. Após tudo pronto determina a saída para madrugada seguinte e lembra-se do testamento que pedira para Duarte trazer do cartório. Com o documento passara todos os seus bens ao afilhado Alexandre, filho da prima Marialva e seu esposo Valentim, porém, por ele ser menor, declara Duarte como administrador. Antes da partida, seus capangas sugerem a presença do Beato Romano. Desta forma ia se precavendo, caso morresse alguém ele poderia abençoar.

Mesmo contra o gosto de Duarte e dos capangas Maria Moura parte com sua tropa para mais uma aventura e diz: “- Se tiver que morrer lá, eu morro e pronto. Mas ficando aqui eu morro muito mais”.¹²⁶ Sai na frente num trote largo. Mais adiante segura as rédeas, diminui o passo do cavalo para os homens poderem acompanhá-la.

Assim, Rachel de Queiroz encerra a escrita do *Memorial de Maria Moura* com a data: Rio, 22 de fevereiro de 1992, onze da manhã.

¹²⁶ Ibid., 482

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)